

FL. Nº
Anexo – notas taquigráficas
Proc. nº
CMSP – NOME DA CPI
Nome - RF



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

**COMISSÃO DE POLÍTICA URBANA, METROPOLITANA E MEIO
AMBIENTE**

PRESIDENTE: SOUZA SANTOS

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA
LOCAL: PRAÇA FRANKLIN ROOSEVELT (CONSOLAÇÃO)
DATA: 02 DE ABRIL DE 2017

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Orador não identificado

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Na qualidade, circunstancial de Presidente da Comissão de Política Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente, declaro abertos os trabalhos da Audiência Pública. Lembrando que foram convocados e convidados para essa Audiência Pública os Srs. Vereadores: Camilo Cristófar, Dalton Silvano, Eduardo Matarazzo Suplicy, Flavio Riva, Paulo Frange e Sousa Santos. Lembrando que todos, aí agradeço pessoalmente, concordaram com a audiência publica sendo realizada nesse espaço. Algo que não é usual na Câmara Municipal de São Paulo, mas todos os Srs. Vereadores, por unanimidade concordaram que a audiência publica, saísse do espaço restrito e muitas vezes até difícil, acesso da população, durante a semana, segunda a sexta nos horários em que a Câmara Municipal de São Paulo costuma realizar suas audiências públicas lembrando que a Câmara Municipal de São Paulo realiza, costumeiramente suas audiências públicas das 14, 15 horas até as 18hs. Horário, que muitas vezes a população não consegue estar presente, então quero aqui agradecer aos nobres Colegas Vereadores que concordaram com que a audiência publica fosse realizada nesse espaço.

Lembro que essa audiência pública teve ampla publicidade, conseguimos publicar nos jornais de grande circulação não só por uma obrigação da Legislação, que determina a publicação de jornais da grande circulação, mas em diversos jornais, rádios e até a TV, acabou por noticiarmos nos últimos três dias a realização da audiência no dia de hoje. Na manhã do dia de ontem, programas da radio Jovem Pan, Bandeirantes noticiavam nosso encontro, e maneira gratuita que para nós é muito bom, porque normalmente quando a Câmara Municipal de São Paulo usa a publicidade institucional, paga por ela e a maior parte do que conseguimos no dia de hoje, foi utilizar a publicidade institucional, na realidade os serviços de utilidade pública das rádios, das TVs e, portanto não gastar nada.

Mais do que isso, vocês estão sentados em cadeiras que foram oferecidas pelo movimento popular de moradia. Na realidade, não custou nenhum centavo para a Câmara Municipal de São Paulo. Essas cadeiras são do Movimento Popular que se reúnem no

Ipiranga, portanto ninguém gastou nada com isso. Nem o som. O som que está aqui, também não se gastou nenhum centavo, foi oferecido pela mesmo movimento popular de moradia. Não só nos deu o sistema de som, como veio instalar. Nos ajudou inclusive na instalação do som. Acho que isso mostra quanto a Roosevelt, o Parque Minhocão pode reunir pessoas da mesma cidade com propósitos iguais curtir a cidade. Em uma perspectiva de lutas distintas, aqueles que estão no Movimento Sem Teto do Ipiranga, ainda lutam pela sua primeira oportunidade de residência. Talvez, muitos que estão aqui em nosso entorno já estão com seu segundo, terceiro imóvel, portanto muitas vezes pode ser uma diferença.

Mas o que importa hoje, é discutir o uso do Minhocão, os horários que ele está aberto à sociedade, de que forma que ele está aberto. Hoje o debate tem um objetivo importante enquanto audiência pública que é escutar a sociedade. Durante muito tempo as decisões eram tomadas sem a participação da sociedade, por sorte a nossa Constituição estabelece o mínimo de participação no caso da definição dos horários do Minhocão, são duas audiências públicas. Acho que duas audiências públicas pode parecer pouco, mas quando a gente consegue realizá-las em um ambiente em que as pessoas costumam utilizar esse espaço, ela tem um conteúdo todo especial.

O dia de hoje a ideia é exatamente essa. É avaliar, debater e discutir o PL 22/15, que confere nova redação ao incisos II e III do Art. 1 da Lei 12152, de 23 de Junho de 1996, que dispõe sobre o horário de funcionamento do Elevado Costa e Silva. A gente continua com a Legislação que chama ele de Elevado Costa e Silva, porque é de 96, portanto ela definiu que aos domingos, não teria funcionamento e que a partir das 21hs30 até as 6hs30 da manhã não teria funcionamento para carros. Portanto aberto para as pessoas. O que discutimos no dia de hoje, são os novos horários e os novos usos que o Parque Minhocão já tem um bom tempo.

Toda audiência pública precisa de um mínimo ajuste que vamos realizar no debate, de uma, duas, ou até três horas. Reservamos para o dia de hoje, no máximo três horas, até às 19 horas. Quando aquelas luzes se acenderem podemos continuar aqui desde que esgotado

todo nosso debate. Se antes disso não tivermos mais inscritos, encerramos antes disso, então até as 19 horas, portanto, das 16, que iniciamos até às 19hs, debate vai e deve acontecer.

Por conta de uma experiência no debate a que venho acumulando na Câmara Municipal de São Paulo, desenhei para o dia de hoje uma formula que inova. Vamos ter as inscrições para pronunciamentos de até três minutos. Já estão abertas as inscrições, e permitindo as pessoas que não querem falar três minutos se inscrevam para falar até 15 segundos. Dizendo o seguinte: não quero ninguém em cima do Minhocão, ou quero as pessoas em cima do minhocão e horário que acho adequado esse. Porque? A gente vem notando que muitas das vezes quando se exige a fala de três minutos às pessoas não vem falar. E, portanto, estamos criando esse mecanismo da pílula que você sobe lá e diz o seguinte: não quero mais ninguém no Minhocão, ou quero gente no Minhocão, porque a gente vai estimulando a participação das pessoas, mesmo de maneira não tão elaborada. Até porque temos que abrir a participação da sociedade na forma com que ela quer participar.

As vagas aqui na frente não estão ocupadas , porque elas seriam ocupadas pelos colegas vereadores que ajudaram a gente fazer essa audiência. Não há critica. Eles ajudaram a realizar a audiência. Vou levar o resultado da audiência para eles. O que importa hoje é a participação da sociedade, se as cadeiras daqui da frente continuarem vazias, as que estão ao lado de vocês se estiverem vazias, é a nossa derrota. Se elas estiverem ocupadas como, já estão agora, a vitória é garantida.

A audiência pública tem o objetivo claro de discutir o horário de funcionamento do Parque Minhocão e é bom que vente, porque aí leva nossa voz para dentro do Minhocão inteirinho. Portanto, dizendo a muita gente, em torno dele, que aqui estamos discutindo pública e republicanamente os horários que o Minhocão deve estar em funcionamento. Não cabe ninguém dizer que o debate não é público, aberto, a todos. Quem quiser desce e vem conversar com a gente.

Aproveito para agradecer a cada um dos funcionários da Câmara Municipal de São

Paulo, que no dia de hoje cumpre, fora da Câmara Municipal de São Paulo, o seu expediente, portanto ao Sido e toda a equipe que esta aqui com a gente que gosta de estar fora da Câmara Municipal de São Paulo, podem imaginar que para eles é um insucesso estar aqui, não é não. o pessoal gosta de estar aqui, sabe que é bem bacana poder ter a oportunidade de estar aqui fora da Câmara Municipal de São Paulo, realizando isso.

Passo a palavra ao Sr. Mario Vaz Nogueira.

O SR. MARIO VAZ NOGUEIRA – Muito obrigado, Srs. Vereadores, tenho algumas anotações aqui, não vou me alongar, vou compartilhar minha experiência enquanto morador do lado do Minhocão. Sou estrangeiro e há seis anos me mudei para um apartamento que fica no entorno do Minhocão, durante esses seis anos eu assisti ao aumento da organização do Minhocão pela população do bairro e pela população de São Paulo em geral. E ao longo desses seis anos eu vi um bairro relativamente degradado para o qual eu tinha mudado, tinha fumadores de *crack* na minha esquina, passar para um bairro relativamente da moda, com novos frequentadores e com novos comércios. Então, para mim, os dois fatos não estão separados e acho que é impossível, é ingênuo separar esses dois fatos.

Eu próprio usei o Minhocão centenas de vezes pra correr, isso há alguns anos, portanto, não reparem, estou falando a verdade, e continuo a usar para andar de bicicleta, para passear e uso também como vista. Volto a lembrar, o Minhocão fica na altura da minha janela.

Eu sou do campo, cresci no campo, então para mim o Minhocão, mais do que Parque, ele sempre foi uma praça. O Minhocão é uma praça aonde as pessoas namoram, aonde as pessoas confraternizam, aonde as pessoas conversam e fazem exercício. Aí quando surgiram essas regras, eu me perguntei: por que limitar o direito das pessoas namorarem, confraternizarem, fazerem exercícios? Aí fui ler as regras e vou expressar a minha opinião como morador do lado do Minhocão, sobre as regras e propostas.

O minhocão é inseguro porque tem anteparos baixos. Bom, eu nunca caí do Minhocão, e nunca vi ninguém cair. E do que eu pesquisei, o único acidente que teve do tipo foi

em 2015: foi um carro que caiu, um carro. Portanto, tirem as suas conclusões.

No Minhocão, querem acabar com o comércio! Estão jogando cocos nas janelas, foi o que li. Gostaria de saber que epidemia de cocos nas janelas é essa porque eu nunca tive coco em minha janela.

Ruídos, ruídos noturnos. Tive sim ruído entrando sim em minha janela, no entanto, nunca passaram dos horários normais previstos nas regras condominiais. O que me incomoda sim, Vereador, é o ruído dos carros passando com som alto e acelerando na São João. Isso sim é o que me incomoda, durante a madrugada. Já teve um caso, exceção à regra, em que um rapaz estava tocando gaita no Minhocão, de madrugada. A minha vizinha de cima, adiantou-se à Prefeitura, mandou que colocasse a gaita num lugar indiscreto, e assim acabou o caso, não teve mais problema.

Falando sério, Sr. Vereador, se os anteparos são baixos, o razoável é elevar os anteparos. Se há ruídos e se há comércio que incomoda, o razoável é policiar mais, multar as pessoas e melhorar a iluminação no Minhocão. Fechar ou restringir o uso do Minhocão por causa dessas razões, pra mim, é como um médico internar um doente que está resfriado, não faz sentido.

Vou contar uma história para o senhor. Uma noite estava em minha casa e escutei gritos vindos da São João. Cheguei à janela e percebi que uma mulher estava sendo violentada por um homem, na São João, lá embaixo. Eu ia pegar o meu celular e chamar a polícia. Não foi necessário porque as pessoas que estavam namorando, fazendo exercícios no Minhocão, chegaram ao anteparo, chamaram a atenção do homem, chamaram a polícia e a mulher saiu em segurança de toda essa situação. Foi pra isso que o Minhocão serviu.

Transformar o Minhocão num deserto noturno, em minha opinião, vai aumentar a insegurança na região, vai tornar a região menos atrativa tanto para moradores quanto para visitantes. Ou seja, os moradores e visitantes vão perder; São Paulo vai perder mais do que vai ganhar.

Como morador, eu digo, tenho certeza de que as regras que estão sendo discutidas estão erradas porque se baseiam no pressuposto errado de que moradores, de que os utilizadores do Minhocão estão separados ou são inimigos. Não são. Os moradores são utilizadores do Minhocão.

Também lhe digo, como morador, eu nunca me incomodei com pessoas passando à noite pelo Minhocão, passeando lá, nunca trocaria nenhum incomodo pontual que tenha tido, durante a noite, por um deserto em minha janela.

Por favor, chegue lá na Prefeitura e diga pra não tirem a minha praça!

Muito obrigado!

(Palmas prolongadas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Muito bem! Começar com um depoimento da Terrinha é sempre bom. Não dá nem pra discutir aonde o gajo deixou a gaita! (Risos)

Tem a palavra Francisco Júnior.

O SR. FRANCISCO JÚNIOR – Boa tarde. Sou morador do Minhocão, morei quatro anos. O nosso companheiro, Vereador, falou a verdade.

O Minhocão melhorou muito, o Minhocão fecha nove e meia, as pessoas saem de suas casas para caminhar, relaxar. Como o Centro é muito estressante, muitas crianças, os pais saem de suas casas, nós precisamos sim de lazer. Felizmente, pouca *maioria* é contra o Minhocão.

Eu participei do Conseg Santa Cecília - com o Covas e a Pat, o nosso Presidente era o Geraldo. Teve nova eleição para o Conseg, e o Presidente do Conseg é o Delegado. Eu participei do Conseg e vi que muitas pessoas eram contra o Minhocão, mas era um núcleo pequeno. Se a gente melhorar a qualidade do Minhocão, mantiver o horário, seria ótimo. O Minhocão fecha às nove e meia e abre às seis e meia da manhã. Aos sábados, às duas e meia e só domingo, às seis e meia. Nesse dia todo há crianças, bicicletas, animais.

Sou a favor do Minhocão, tem que manter o lazer. São Paulo não tem lazer, precisamos de lazer.

Muito obrigado!

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Muito obrigado.

Tem a palavra Alessandra Haro.

Lembro a vocês que podem sugerir alterações no horário. Se nós estamos discutindo o horário do Minhocão, é importante manifestar o horário mais adequado para impedimento e liberação de veículos e a liberação para as pessoas. Isso é absolutamente importante.

Os estudos realizados pela CET apontam que a compatibilização do horário do Parque Minhocão ao horário de restrição do rodízio talvez seja a forma mais adequada. O esforço que fazemos, no dia de hoje, é pra oferecer à Câmara uma ideia de legislação que possa compatibilizar o horário das 20h para o fechamento do Minhocão ao horário que hoje temos para as restrições de circulação no rodízio de veículos.

O que se discute hoje é: será adequado fechar o Minhocão às 21:30h ou às 21h ou o horário que daria à população possibilidade de acessar o Minhocão a partir das 20h. Essa questão é fundamental: Minhocão aberto para as pessoas a partir das 20h.

A SRA. ALESSANDRA HARO – Boa tarde. Sou moradora do bairro de Santa Cecília. Moro num apartamento que todas as janelas dão para o Minhocão. O Parque Minhocão hoje é uma área que toda a minha família utiliza, eu utilizo tanto durante a semana à noite quando nos finais de semana.

Gostaria de lembrar que, anos atrás, o Minhocão foi fechado para os carros no horário da noite, e também durante o dia no final de semana, por uma questão de saúde pública. Ou seja, os carros que por ali passam trazem mal às pessoas que ali residem, por questão de poluição ambiental, de poluição sonora, dentre tantas outras coisas. Quem mora perto do Minhocão sabe o quanto ele gera de pó, de poluição.

Com o passar do tempo, automaticamente, de uma forma muito natural, as pessoas começaram a ocupar esse espaço. Não foi um órgão público, uma associação, uma instituição que falou: vão lá, podem utilizar, é um parque. Essa foi uma coisa absolutamente natural, é bom a gente lembrar. As pessoas começaram a subir no Parque porque ali é dos poucos lugares público em que se pode ter lazer de graça, onde você pode andar de bicicleta, de skate, onde você pode tomar um ar depois de um dia corrido. É importante que a gente lembre sempre disso. Não é um parque que foi feito por alguém. Todos nós o fizemos, dia a dia, noite a noite! (Palmas)

Como moradora do bairro de Santa Cecília, como moradora de frente para o Parque Minhocão, sou absolutamente a favor de que o horário baixe para 20h porque um local público, quanto mais pessoas por ali circularem, mais seguro ficará.

A Praça Roosevelt é um grande exemplo de um lugar em que havia muito problema de Segurança, não era ocupado por pessoas. Pouco a pouco, de novo, a própria população sem auxílio público, começou a ocupar esse lugar que hoje é muito mais seguro do que antes.

O Parque Minhocão quando eu vejo, todo dia, de noite, quando vejo as pessoas habitando aquele lugar, fazendo parte daquele lugar, vejo que esse lugar está cada vez mais seguro.

Então, enquanto moradora, quero agradecer a palavra e dizer que sou a favor do Parque, a favor de que o horário baixe para 20 horas.

Sou a favor de uma cidade para as pessoas!

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Muito bem, Alessandra.

A questão importante que Alessandra nos traz é a questão da espontaneidade. Se existem parques que precisamos mostrar o endereço para as pessoas encontrarem, o Parque Minhocão ninguém precisa apontar o endereço. Todo mundo sabe aonde está o Parque Minhocão, todos sabem o horário de funcionamento. Em minha opinião, infelizmente, a partir

das 21h todos os dias da semana. Aos sábados, 21h30min; aos sábados a partir das 15h; e domingos e feriados, o dia todo.

O esforço que se faz hoje é debater regras para o horário de funcionamento do Parque. Portanto, as manifestações devem – como Alessandra nos traz – tratar do novo horário que é possível neste momento.

Lembrando que a CET, há dois anos, em audiência pública na Câmara, quando anunciou a redução do horário aos sábados, anunciou também a possibilidade de redução dos horários nos dias de semana. Essa é a principal motivação que nos reúne. Não estamos aqui desafiando ninguém, nem a lógica, estamos dizendo algo que tecnicamente é possível e, portanto, o debate é necessário pra se saber o melhor tipo de ocupação, e se tecnicamente é viável.

Chamo agora Davi Lacerda, morador da Santa Cecília.

O SR. DAVI LACERDA – Obrigado, Police. Sou morador de Santa Cecília. Moro há três quarteirões do Minhocão.

Vendo tanta gente aqui, quero agradecer porque este dia não é sem importância. Este dia é quando a Câmara de Vereadores se volta pra gente, morador, e quer saber a nossa opinião sobre esse espaço público, e este é o melhor espaço pra poder falar sobre a abertura de outro espaço público. O que estamos fazendo aqui é importantíssimo, é simbólico.

Em relação ao que se pretende fazer com os horários do Minhocão, que a Promotoria quer fazer, que o Conseg quer fazer, o que eles querem? Querem impedir os moradores de usar a região como lazer, todas as noites, e que durante os finais de semana só use por um curto período. Sou dermatologista, e a hora que querem impor o uso do Parque é a hora que o sol é mais intenso. Isso não faz sentido, isso não é seguro para as pessoas, do meu ponto de vista técnico.

Do meu ponto de vista como morador, o que eu vejo? É importante que quando pensamos em leis, que tenhamos em mente o que já é usado. O que já é usado? Aquilo ali é

usado como parque. Aquilo ali, na hora que fecha, o primeiro beneficiário, o primeiro a chegar e usar de maneira saudável é o próprio morador de sua frente. É ele que começa a fazer esporte, é ele que tem a oportunidade de sair com seu cachorro, é a família que tem a oportunidade de sair com seu filho. É pra essas pessoas que aquele lugar se abre. Essa é a primeira parte.

Segunda: quando se tenta proibir alguma coisa, vocês acham que o delinquente, que o bandido vai ser impedido? O Conseg diz que não há policiamento suficiente. Então como vai impedir o bandido de estar lá em cima? Ao mesmo tempo, ele quer impedir o morador, que usa o local civilizadamente, de usar aquele espaço público. Não faz sentido. O que eles querem? Querem tornar nós, moradores, delinquentes! É pra isso que serve? É pra nos intimidar? Pode ser! Porque essa é uma consequência real da medida que estão tomando. Temos de ter cuidado. De repente, noutro dia, se você está lá em cima, passeando com seu cachorro, com sua bicicleta, se não gostam da sua cara, eles podem ir lá e dizer: vou *botar* a polícia atrás de você! Como tentaram fazer para que nós não fizéssemos a manifestação que ajudou a contribuir para esta audiência. Então essas coisas são importantes.

Dizer que a grade é baixa, ninguém nunca caiu, como disse aquele morador, como eu sei e como todos sabem!

A prova do tempo desfaz qualquer tentativa de nos enganar, sejamos sábios! Nós somos pessoas sábias. A gente vai-se deixar enganar por um artifício burocrático, feito para outros interesses? Não! Então não vamos fazer isso, e é por isso que estamos aqui.

Se querem uma melhor qualidade pra quem mora ali do lado, ponham cercas verdes; se querem diminuir o barulho, faz com que os corredores de ônibus tenham ônibus elétricos.

Em relação à segurança, pode-se colocar patrulhamento com bicicletas, sem apito, sem motocicleta, sem barulho a mais para os moradores. Esse patrulhamento pode servir de educação, pode evitar alguns excessos.

Falando em educação, por que não se propõe colocar placas onde se diz se

REUNIÃO: 16796 DATA: 02/04/2017 FL: 11 DE 55

estamos no Parque Minhocão, por favor, respeite os moradores, os vizinhos. Isso ajuda, isso é importante. Eu, médico, percebo que muitas vezes as coisas que são óbvias, elas não são evidentes na hora em que estamos falando numa consulta. Então, para o usuário que está ali é importante saber isso.

Então, eu queria colocar como morador de Santa Cecília, sou morador, apoio o Parque Minhocão e queria que a pessoas que também tenham esse desejo que levantem seus cartazes. Temos muitas pessoas aqui, mas quantas pessoas apoiam o Parque Minhocão? Isso é muito importante, é um espaço que precisamos e vamos defendê-lo. Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Muito bem, Dr. Davi. Chamo a atenção para uma parte importante da fala do Dr. Davi, que na realidade temos um promotor e não a Promotoria que é contra as pessoas no Minhocão. Peço que todos que estão de frente para mim olhem para esquerda e imaginem aquela visão quase sem carro do nosso lado esquerdo. Estão vendo aquilo? Saudável, gostoso, está todo mundo feliz dentro dos possantes. Agora olha do outro lado, está feio? As pessoas estão tristes do outro lado, imaginem o que estão pensando as pessoas do nosso lado esquerdo, elas estão absolutamente felizes em estar nos carros, mas do lado direito não.

Então, um pouco dessa leitura de fazer essa audiência no parque nos permite esses novos olhares. Olhares de quem está no Parque Minhocão consegue sentir, mas quem não veio tem uma grande dificuldade de sentir a diferença real das coisas. Agradeço muito ao morador médico, Dr. Davi, que nos traz uma informação importante, até para a pele o Minhocão faz bem, o Parque Minhocão faz bem. (Palmas)

O Acácio, morador do Centro, nos trouxe uma contribuição grande, fala de três pontos objetivos. Ele escreve que ele tem vergonha de falar em público, mas deixou registrado o apoio ao Parque Minhocão a qualquer hora do dia ou da noite. Está claro aqui o esforço que ele faz, não quer falar, mas deixou o esforço escrito. (Palmas)

Vou chamar a Carolina Felix de Simas, que é moradora e pediu 30 segundos, o microfone está à disposição para sua fala.

A SRA. CAROLINA FELIX DE SIMAS – Meu nome é Carolina, sou moradora do Parque. Você falou que o Parque continua um parque para as pessoas e que continue com o mesmo horário de funcionamento. Acho que é uma iniciativa que deu certo e espero que continue dessa forma. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Muito bom, está aí, ela é moradora do Parque. Então, ninguém mais tem dúvida onde a Carolina mora, ela mora no parque que é o Parque Minhocão. Obrigado, Carolina.

Vou chamar o Elton Tadeu, também morador, que pediu para falar 30 segundos.

O SR. ELTON TADEU – Boa tarde, moro na Praça Marechal Teodoro já há sete anos. Adoro o Parque, adoro os jardins verticais que só foram possíveis de serem feitos por causa do Parque. Sou a favor do fechamento às 20h e acho que vamos lutar juntos que vamos conseguir. (Palmas)

A SRA. JOANA D'ARC – E também o espaço público é uma forma de inibir a violência, e tem o prazer social de estarmos juntos e socializar o que nos pertence, o espaço que nos dá essa liberdade e não podemos perder. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Obrigado, Joana, Elton, pela manifestação. Lembro que continuamos com as inscrições para três minutos e para 30 segundos. Vamos chamar a próxima que é a Leila de Lacerda, moradora da Santa Cecília, tem até três minutos para o uso do microfone.

A SRA. LEILA DE LACERDA – Boa tarde, sou a Leila. Estou aqui como moradora da Santa Cecília, sou estudante de arquitetura e urbanismo e estou aqui como moradora de São Paulo. Venho dizer e reforçar, como estudante de arquitetura e urbanismo, que isso vem em mente a espontaneidade que se deu, que já falamos, a ocupação do parque. No momento em que ele foi fechado, as pessoas foram lá e ocuparam livremente, sem que alguém falasse

se pode ocupar. Então, isso demonstra a dificuldade que temos em São Paulo de espaços públicos como esse. E o Minhocão é um lugar oportuno que demonstra que já dá essa possibilidade, essa vivência, esse lazer, esse estar na rua, sair de casa.

Gostaria de levantar os pontos urbanísticos, que é o olhar para a rua. Falar que o Minhocão não é segura, é para mim ridículo no sentido de que temos muitos olhos no Minhocão e quem faz a segurança daquele parque, que virou essa praça também são os próprios moradores. Eu que sou moradora da Cidade, venho dar um role na Roosevelt, volto para casa na Santa Cecília, pego o Minhocão e vou super tranquilo, muito melhor do que andar por baixo, muito mais seguro, porque sei que está todo mundo olhando, se acontecer alguma coisa, a galera está lá.

É claro que o Minhocão tem que mudar, a gente ocupou o Minhocão e estamos pedindo um local, um espaço livre, estamos pedindo para usar esse local. É uma necessidade, é mais do que pedir. Tem que mudar, tem de colocar infraestrutura, tem de aumentar os beirais. Agora, restringir é uma política conservadora, muito de encarar o problema como limitante, limitar o uso. Não é assim, isso não vai funcionar porque foi uma ocupação espontânea. E vamos continuar ocupando se for necessário. Agora, limitar o horário para 10h às 16h, falando para mim que é a melhor para a pele? Vocês estão tirando com a nossa cara! Não! Melhora, cobra infraestrutura e ainda quer limitar os portões para dois? Nem tem para os pedestres acesso suficiente e só dois portões?

Então, temos lutar para manter o parque, porque não vamos sair do parque, vamos continuar usando o parque no horário que a gente quiser. Ninguém tem problema em usar o parque, temos de exigir infraestrutura, que se tenha mais saídas e tenha segurança. Não é fechar porque não tem segurança. Eu fico revoltada de ver essa coisa linda que foi ocupar o parque, sendo limitado, cortado pela raiz por pessoas que não é essa vivência e o quanto de melhoria trouxe para o bairro de Santa Cecília, esse bairro que eu moro e para os outros bairros. É isso. (Palmas)

REUNIÃO: 16796 DATA: 02/04/2017 FL: 14 DE 55

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Obrigado, Leila. Ela pede mais saídas, mais entradas, mais segurança, portanto, mais gente. Tem a palavra Iarlei Rangel Sena.

O SR. IARLEI RANGEL SENA – Boa tarde, sou morador da Vila Buarque, de frente ao Minhocão e sou integrante do grupo Esparrama. Moro aqui há 12 anos, antes do grupo Esparrama existir e antes da gente desenvolver essa pesquisa com dois espetáculos e com patrocínio da Prefeitura para desenvolver um projeto de 18 meses sobre o Minhocão. A gente queria discutir algumas coisas aqui.

Primeiro agradecer. Acho que é importante o Parlamento estar junto com a gente nessa discussão, acho muito importante inclusive a ideia de que o movimento por moradias está ajudando nessa discussão, porque a gente precisa refletir que qualquer uma das escolhas para o Minhocão, tanto com relação ao desmonte, quanto com relação à transformação do parque, que já é um parque, ela incide na questão da moradia no entorno do Minhocão.

O Minhocão não foi ocupado naturalmente, a atitude de ocupação que houve nele foi por uma carência, esta região é carente de área de lazer, de área de prática de esportes e, portanto, de prática de saúde. Praticar esportes é praticar saúde. Esta região é carente, foi por isso ocupada, não foi natural e não é só por beleza, é por necessidade.

As pessoas que ocuparam isso há algumas décadas estão sendo expulsas daqui desta região, por conta da especulação imobiliária: seis ou oito empreendimentos subindo no entorno do Minhocão, expulsando gente pobre daqui.

Isso já foi discutido em outras audiências públicas. Eu peço novamente para que a Câmara tenha o cuidado de fazer uma proteção social com relação à especulação imobiliária que está expulsando os pobres desta região. (Palmas)

A Cidade é para as pessoas, mas para todas as pessoas, não só para quem tem condições de bancar a Cidade. (Palmas)

Outro apelo que faço é que a gente se informe para falar, a Câmara tem muito essa capacidade de poder informar aos cidadãos. Não sei se todos sabem do histórico do porque

REUNIÃO: 16796 DATA: 02/04/2017 FL: 15 DE 55

estamos aqui discutindo isso: estamos aqui porque o Ministério Público tem um inquérito aberto por um conjunto de Consegs que aqui defende o desmonte do Minhocão, usa de todas as armas para tentar restringir, cada vez mais, o uso do parque. É uma manipulação política e legítima, mas política, para se desmontar a ideia do parque. A gente não concorda com isso, porque a gente não acha que se deva utilizar de artifícios para discutir o uso público que já foi dado ao Minhocão.

Então, informações técnicas como essa da CET que corroboram com a ideia de que a gente pode fechar o Minhocão mais cedo é muito importante, porque baseiam a gente em dados técnicos, não só com dados de desejo que também são legítimos.

Acho que seria interessante também a gente retomar toda essa articulação do porque estamos aqui. Se for possível fechar às 20h, isso não vai trazer nenhum malefício para a Cidade, que se feche às 20h. Se tecnicamente a gente pode, que se feche às 20h. (Palmas)

Só para fechar a minha fala, estão utilizando de terrorismo de informação com a gente. Assim que lançaram um decreto da subprefeitura proibindo eventos no Minhocão no começo deste ano, alguém foi até o nosso prédio, chamou a nossa síndica e falou: você está sabendo que é proibido o Esparrama se apresentar? Você está sabendo que a Prefeitura vai te multar? Você está sabendo que se acontecer algum acidente vocês vão ser multados e talvez tenham de fechar o condomínio porque não vai ter como pagar a multa? O Esparrama já está sabendo disso, se eles não avisaram vocês então eles estão usando de má fé. A gente imagina quem fez isso, não se pode comprovar ainda. Mas se sabe quem é o tipo de gente que faz esse tipo de atitude.

Terrorismo de informação não vai fazer com que a gente não use mais o Minhocão. A gente ocupou, por necessidade, a gente vai continuar ocupando esta cidade, porque a gente tem necessidade de cidade. (Palmas)

O SR. JOSÉ POLICE NETO – Deixa eu agradecer ao Iarlei e aí eu vou ficar de pé, porque encheu muito e alguns daí de trás não estão me enxergando, vou falar por três minutos,

um pouquinho do que nos traz aqui é importante.

À provocação do Iarlei fiz questão de não falar antes para ser provocado, porque achei que seria mais adequado. Um: não tem nenhuma informação pública de ausência de segurança em cima do Minhocão por conta do parapeito ou do guarda-corpo que tem 1,10m, igual a todos os outros da Cidade inteira, ou melhor, a maior parte deles é menor do que o do Parque Minhocão.

Esse é o primeiro elemento para a gente desfazer a mentira que é repetida por várias vezes. O Minhocão não teve um incidente a não ser o lembrado pela terrinha de um carro que caiu. As pessoas não caem do Minhocão, aliás, se caíssem, o Minhocão estava fechado há muito tempo. Segundo, é verdade, as pessoas buscam o Minhocão por ausência de alternativa, mas tornaram o Minhocão uma grande alternativa. Acho que isso nos reúne aqui: o Minhocão era uma ausência de alternativa que se traduz hoje numa excelente alternativa para a Cidade e isso ninguém pode afastar do espaço que tem o seu resignificado. Talvez, isso faça do esparrama um exemplo da Cidade, transformou a Cidade sim e faz parte da nossa vida hoje. Outro elemento que é fundamental, que é o quanto as pessoas usam de desinformação para prejudicar o indivíduo. Imagina numa manhã de domingo você tentando acessar o Parque Minhocão e alguém lhe dizendo que ali não tem segurança e sabendo que seu filho está com uma bola embaixo do braço ou se não está com o skate esperando aquele momento que ele esperou durante quase 15 dias pra subir no Minhocão e se divertir por uma ou duas horas.

Eu falo isso para que a gente não corra o risco de errar com os outros. A gente pode errar com a gente, nos enganar, enganar os outros não, aí não vale. Então, o pouco de trazer a audiência para cá, e aí eu vou contar para vocês, o nosso desejo era fazer a audiência pública em cima do Minhocão e não foi a primeira vez que a gente tentou. Chega um certo momento que a gente prefere não desafiar para realizar. O nosso desejo era fazer lá em cima e vocês sabem disso. A gente já teve audiência convocada e em cima da hora o mesmo

promotor impedindo que ela fosse realizada lá. Seriam 200 ou 250 pessoas se manifestando no microfone o desejo de continuar lá. Eu resolvi ser mais claro e objetivo do que o desejo de estar lá em cima, que é realizá-la. Realizar em qualquer espaço aberto como esse nos permitia escutar e muitos outros escutarem. Então, é importante o que o Esparrama nos traz porque quem abre a janela para o Minhocão para deixar o lúdico de verdade sente na pele a diferença de quem sai depois do espetáculo. Para mim o Parque Minhocão é um espetáculo todo o dia.

Tem a palavra o Sr. Esla Peter. Espero não ter errado. É mais um gringo para falar.

- Orador estrangeiro.

O SR. ESLA PETER – Boa tarde, eu sou ex-morador de Santa Cecília infelizmente.

Eu amo Santa Cecília e ainda venho aqui sempre para passear no Parque Minhocão. Agora, estou morando na Aclimação. É um bairro lindo, silencioso, tem um dos melhores e mais antigos parques da Cidade. Sabe o quê: o parque da Aclimação fecha às 20h, Parque da Luz fecha às 19h, Parque Buenos Aires fecha às 19h, Parque Água Branca fecha às 19h, Aclimação não deixa patinadores e skatistas entrarem. Então, cadê as nossas opções de lazer? Cadê? Nós estamos sentindo uma carência de espaço. Também quero acrescentar o ponto sobre o corrimão. (palavras ininteligíveis) da Cidade, é o mesmo autor do corrimão do *High Line* em Nova York que por sinal é o lugar mais visitados, uma das cidades mais visitadas no mundo. São oito milhões de visitantes por ano. Ninguém caiu ainda.

São Paulo é sortuda com espaço de lazer, comparada a cidades como Mumbai, Cairo, Nova Deli. A possibilidade de fechar uma estrada, fechar a Paulista, fechar qualquer avenida grande e usar como espaço de lazer durante os finais de semana é uma solução para o mundo inteiro. Todo mundo pode copiar, pode emular, pode nos imitar. Eu já disse o que eu quero dizer.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Vou chamar mais dois de 30 segundos, as pílulas. Sra. Giulia Grillo.

A SRA. GIULIA GRILLO – Boa tarde. Moro na Freguesia do Ó e uso o Minhocão sempre. Muitas vezes, estou triste em casa, pego a bicicleta e venho passear no Minhocão, e fico muito feliz. Adoro ver as pessoas andando, adoro ver o pessoal com os cachorros, e eu não gostaria que me tirassem essa alegria da minha vida. Quero ser feliz no Minhocão. Só isso.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Muito bem. Obrigado. Sra. Moema Beduschi.

A SRA. MOEMA BEDUSCHI – Boa tarde. Estou em São Paulo há muito pouco tempo, uns três meses só. Vim de Santa Catarina, onde quando abria a janela dava de cara para o mar. E hoje, meu marido e eu estamos morando num apartamento de frente para o Minhocão. Quando abro a janela, dá a sensação de que estou vendo o mar. Por isso, tenho esse desejo.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Tem a palavra o Sr. Felipe Morozini, morador do Parque Minhocão.

O SR. FELIPE MOROZINI – Boa tarde. É muito emocionante a gente estar aqui discutindo esse assunto. Moro há 17 anos na frente do Minhocão e, há 17 anos, o espaço não era usado pelas pessoas. Lembro-me de que, aos domingos, passavam umas dez pessoas, no domingo inteiro. Todo domingo, sinceramente, eu fico muito emocionado quando abro a janela do meu apartamento e vejo como um espaço para todos.

Na minha opinião, é o espaço mais democrático da Cidade. E, que fique claro: não nos foi oferecido nada para a gente ocupar esse espaço.

E agora houve o problema bem recente de tentar restringir o horário para as pessoas. A gente está caminhando num tempo com o Minhocão que achei que a discussão era de fechar para carro. O CET já apontou que é possível fechar para carro. Então, parece-me óbvio fechar às 20h todos os dias.

No urbanismo, fala-se muito da presença de mulheres e crianças: lugares onde há muitas mulheres e crianças são lugares seguros. Hoje em dia, o Minhocão abre para as pessoas à 21h30min; 22 horas é um horário quase de criança estar na cama. Se você fechar às 20 horas para os carros, tenho certeza de que 10 para as 20 horas, cada alça estará cheia de crianças, porque elas vão brincar pro 1h30min, 2 horas, e, quando der 21h30, elas voltarão para casa.

Para mim, é fundamental entender que o parque nasce do desejo dos moradores de ter paz. Eu, como morador, também não gosto de barulho aos domingos, mas respeito a Cidade que se manifesta do jeito que é. O que me incomoda mesmo são os 6 dias em que o Minhocão fica aberto para os carros. Quando a associação Movimento Desmonte do Minhocão reclama e fala que não quer as pessoas aos domingos, para mim isso é muito sério. Ele não entendeu que só se incomoda aos domingos porque durante os 6 dias há somente carros. Então, se começarmos a diminuir o horário para os carros, aumentará a paciência e o humor das pessoas e o Minhocão será muito mais frequentado.

Em relação aos fins de semana, eu, como morador, não aceito tirarem um segundo das pessoas nesse período. Eu gostaria de pedir isso, se vocês puderem ter clareza, porque essas pessoas estão aqui discutindo o seguinte: só queremos andar sobre uma rua. Discutem-se as melhorias, como iluminação, mas iluminação é feita para carro. Então, você não vê a pessoa de longe. Talvez postes baixos como esses, com luzes brancas, melhorem a segurança. Em vez de tentar restringir, talvez iluminação. Também penso muito em banheiro, pois a gente acaba tendo que usar o banheiro do metrô.

Era isso. Desculpem-me por me estender. Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Nenhum segundo a menos, e as crianças ocupam o Minhocão para nos dar alegria. Quem sabe daqui a algumas semanas as crianças não subirão o Minhocão às 20 horas para nos dar mais alegrias. Obrigado, Felipe Morozini.

REUNIÃO: 16796 DATA: 02/04/2017 FL: 20 DE 55

Tem a palavra Annabella Andrade.

A SRA. ANNABELLA ANDRADE – Boa tarde a todos e a todas. Sou ativista, ciclista e amo o Minhocão. Hoje se estamos aqui é por um esforço coletivo. Todo mundo quer o Minhocão, quer andar no Minhocão a partir das 20 horas. Ele é para a saúde das pessoas, e tudo o que estão alegando infelizmente é infundado.

O promotor público alegou que as pessoas podem cair de lá. Um dos integrantes do Parque Minhocão teve a paciência de fazer a medição de mais de 30 passarelas, e todas elas têm a mesma altura do Minhocão. Então, isso já caiu por terra. A gente tem isso, está publicada na nossa página essa questão.

Outra questão é que temos um Conselho Comunitário de Segurança que manipula os poderes e infelizmente não conseguimos que a polícia suba lá, a não ser quando eles ligam. Então, é questão de clientelismo.

Outra coisa. Vou fazer uma denúncia. É bom que todos saibam que a gente tem um Conselheiro Participativo, que é ninguém menos do que um corretor de imóveis com carteirinha do Creci. Aos estrangeiros que não sabem o que é Creci, é Conselho Regional dos Corretores de Imóveis. Então, a gente tem essa pessoa dentro do Conselho Participativo, que foi eleito por voto popular e que está fechando com quem?

Com as construtoras, essa pessoa faz reunião no Sinduscon, é lindo, loiro, com nespesso e ar condicionado, então essas são as pessoas que querem que o Minhocão vá pro chão.

Então não tá aí fora e consegue. Quem manda na Cidade somos nós. Muito obrigada. (Palmas)

O SR. JOSÉ POLICE NETO – Quero agradecer à Anabela. Mas preciso fazer uma breve intervenção. Foi falado da eletrificação, que é uma preocupação que todos têm. A região central ao longo dos últimos 30 anos tem uma ocupação muito mais popular do que tinha na origem de qualquer região central de qualquer cidade. E ela dá um perfil de múltipli

funcionamento da região central, absolutamente importante.

Qualquer proposta de uso do Minhocão ou de finalidade dele que foi escrito dentro da Lei 16.050, que é o Plano Diretor da Cidade aponta para essa preocupação, tanto é que criou uma área que é área de impacto do parque ou de qualquer intervenção que seja feita no Minhocão, para que ela não expulse as pessoas que até hoje estão no entorno dele.

É importante porque o Centro foi esvaziado, mas só falta, no momento, só falta a ação pública no momento que a região central pode ser reocupada você expulsar as pessoas que sobreviveram no Centro no momento mais conflituoso que o Centro teve. É injusto com qualquer família que sobreviveu no Centro no momento de esvaziamento do Centro, no momento que o Centro não se prestava ao que a gente vê hoje, serem expulsas do Centro por uma ação pública. Aliás, o setor público tem de ser responsável pelo equilíbrio dessa expulsão, não pela vocação natural de tirar as pessoas daqui.

Portanto, parte do que traz a Anabele, parte ponderável do que falou o lalem, de maneira muito precisa nós não podemos aceitar um Centro que expulse as pessoas no momento em que começamos a enxergar que ele fica bom. Não faz sentido, quando o Centro recupera um pouco da sua vitalidade, nós imaginarmos que isso vai servir para poucos; que as lajes que servem há 15, 20, 50 ou 60 metros para famílias, vão servir a cem, 200 ou 300 metros para uma ou duas pessoas.

Temos de ficar muito atentos ao movimento que costuma acontecer em regiões que se recuperam que não é a mais valia, é a exploração objetiva. Temos de estar muito atento a isso, para que não permitamos ao parque Minhocão, ou a qualquer coisa que se lance em cima dele, uma ação diferente daquela que se quer hoje: o parque recheado de pessoas, pessoas de todos os cantos da Cidade, mas, especialmente aqueles que sobreviveram no Centro abandonado e hoje fazem um Centro reerguer.

Em parte ponderável daqueles que estão aqui, que como o Felipe falou, daqui a 15, 20, 25 30, 40 ou 45 anos, esses temos de ter um olhar todo especial, foram aqueles que

seguraram o Centro de pé e hoje fazem as crianças voltarem ao Centro. Como a Anabele e muitos falaram aqui: o Centro aberto às pessoas, o Minhocão aberto às pessoas a partir das 20h pode trazer um novo ambiente. Que esse seja para as famílias que já estão e para muitas outras que virão. Lembrando que as pesquisas da USP mostram que temos mais de 4 milhões de metros quadrados absolutamente ociosos na região central.

Portanto, não venha me falar que falta espaço no Centro para expulsar quem está não. Tem muito espaço mau usado que pode ser muito bem ser utilizado pelas pessoas que aqui não estão. E, portanto, o Centro e o Parque Minhocão estão de abraços abertos a novas famílias, sem tirar nenhuma da que está aqui. (Palmas)

Ana Paula Camargo, por favor. (Palmas)

A SRA. ANA PAULA CAMARGO – Boa tarde a todos. Queria trazer alguns dados para vocês sobre saúde mental. Sou da área da Saúde, sou psicóloga especialista em Saúde Pública e em Educação.

Tenho um relatório da Organização Mundial da Saúde, de 2015, que trouxe, que o Brasil, nosso país, está em quinto lugar no mundo em número de pessoas com depressão, isso os diagnosticados, porque a gente sabe que tem um preconceito enorme das pessoas procurarem uma ajuda formal quando estão com sintomas de depressão. Pior ainda, esse mesmo relatório traz que esse número aumentou 20% de 2005 para 2015, que foi a segunda edição desse relatório. Então o mundo não está nada bem. Isso também não é novidade. A gente não precisa de nenhum relatório para saber disso, infelizmente.

Uma segunda coisa que o relatório traz, com relação ao Brasil especificamente, é que nosso país lidera em número de pessoas com transtorno de ansiedade no mundo; é o primeiro país no mundo em número de transtorno de ansiedade. Tem 9,3% de brasileiros com transtorno de ansiedade diagnosticados, fora os que não procuram ajuda, não diagnosticam, não cuidam adequadamente e não entram nessa estatística.

Por que eu estou trazendo isso? Porque uma das recomendações do próprio

relatório da OMS é que os gestores públicos privilegiem, priorizem em suas políticas públicas espaços de convivência como essa praça revitalizada, como o Parque Minhocão, por exemplo. E para mim é um contrassenso total ler esse tipo de coisa do desmonte dizendo que tem que restringir ou que tem que fechar o Parque Minhocão para pessoas. De que máquina do tempo esses caras vieram, de onde eles vieram e o que eles estão falando sem nenhum dado concreto?

É muito fácil a gente ficar olhando para o próprio umbigo da especulação imobiliária e ficar trazendo esse tipo de coisa, e ficar manipulando o poder público e trazendo esse tipo de situação. Então eu estou aqui junto com meu marido para falar que a gente apoia o uso do Parque Minhocão por pessoas a partir das 20h e não a partir das 21h30. Eu acho um absurdo a gente ter um parque como esse, um espaço público como esse no centro da Cidade... A gente mora na Eduardo Prado, em Campos Elíseos, a três quadras do Minhocão, e a gente sabe o quanto é importante fazer exercício, caminhar, sair de casa, e isso tudo não pode ser tirado da gente.

Que bom que tem todo esse pessoal aqui falando sobre isso, ouvindo isso; que bom que a gente está mobilizada nesse sentido. E a gente não pode esmorecer, porque o País está num momento em que estão querendo tirar tudo da gente, e a gente tem que vir e ocupar, porque senão a gente perde mais espaço. É por isso que estou aqui e que bom que vocês estão aqui, e que bom que a gente pode contar com políticos decentes para estar com a gente nisso, porque nós estamos num momento muito difícil. A gente tem que se mobilizar, senão vão tirar tudo da gente.

Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Agradecer à Ana Paula Ciriaco Camargo, que vem trazer informação poderosa de quem é vizinho, está a três, quatro quadras.

Eu vou confessar uma coisa para vocês. Eu nasci em São Paulo, na Aclimação, já morei muito próximo do parque Minhocão, acho que em dois ou três meses estou voltando

para a Angélica esquina com a Barros. Então o Parque Minhocão vai ter um vizinho com cadeira na Câmara Municipal, para lutar não só na Câmara, mas lutar em cima do Minhocão, portanto me recebam de braços abertos, porque eu quero voltar a ter os bons amigos do Parque Minhocão não só no debate do Parque, mas no convívio no Parque.

Jivago Gonçalo.

O SR. JIVAGO GONÇALO – Boa tarde a todos. Obrigado a cada um que está aqui presente. Tive o privilégio de nascer e ser criado nesta região e há muito eu usufruo desse espaço público que é de todos. Acho que isso é importante a gente ter em mente.

As pessoas - algumas do Conseg, que não me representam, e acho que a maioria que está aqui – que tentam desmontar tudo que a gente tem... Eu me lembro de ter curtido festas maravilhosas aqui no Buraco da Minhoca, e eles conseguiram fechar. Agora eles querem fechar esse outro espaço e, se puderem, eles fecham tudo.

Eu sou contra o Minhocão para os carros. Sou a favor do Minhocão para as pessoas. Sou a favor da Cidade para as pessoas também. E eu gostaria muito de poder utilizar o Minhocão até muito antes do que eu tenho podido utilizar. Se eu pudesse entrar lá às 19h, eu estaria sem dúvida. Eu sou um dos primeiros que estava com a minha bicicleta, para usar o Minhocão me proporcionou poder voltar a andar de skate, porque me senti seguro para andar de skate lá, me proporcionou reaprender a andar de patins, porque também me senti seguro. Lembrei que essa era uma via que a gente podia utilizar. Não só mais uma via para os carros.

As vias, quando discutimos mobilidade urbana, é importante levar em consideração que é para a mobilidade de todos e não só para a mobilidade daqueles que têm a propriedade do veículo. Eu tenho veículo, adoro deixar ele encostado em casa porque prefiro andar a pé, prefiro andar de bicicleta, de skate, de patins e na medida em que isso vai se tornando mais difundido, mais pessoas vão utilizando menos medo temos de sair de casa com os nossos patins, bicicletas, skates e sermos atropelados, ofendidos, xingados ou empurrados para um lado como se a via não nos pertencesse.

REUNIÃO: 16796 DATA: 02/04/2017 FL: 25 DE 55

Sim. A via nos pertence. Quer dizer, a via não é só para quem tem carro, não é privativa, exclusiva. E nesse sentido queria que a gente lembrasse sempre disso: vamos ocupar as vias. Esse é um ato político também. E ocupar como podemos, se ocupa a pé, ótimo, e quando o carro buzina falo não, espera. Tenho o direito de estar aqui tanto quanto você.

Quando alguém fala: aqui não é lugar de andar de patins. Eu falo: onde é? Quer dizer, em alguns lugares não se pode ou vou ter de ir até o Ibirapuera de carro para andar? Não. Quero andar aqui. Quero andar no Centro da Cidade onde tive o privilégio de nascer e crescer, onde tenho amigos, encontro os meus amigos nos finais de semana e onde tenho a oportunidade de ver o Esparrama, por exemplo. Lembro que um dia estava triste e estava passando assim, eram quatro da tarde e sentei ali para ver aquele espetáculo. Nunca chorei tanto e nunca me senti tão bem por estar ali, por assistir, por ter o privilégio de participar disso. Lembro quando eles chegaram, abracei e falei, cara, obrigado. É muito bom estar aqui com vocês. É muito bom compartilhar isso com todo mundo.

Então queria agradecer a presença de todos que estão aqui, que vieram provavelmente como eu e acho que todos, pedir que o Minhocão seja aberto às 8h se possível, ou antes. Que no sábado e domingo não tenha um segundo a menos, como o Felipe falou. Quer dizer, o máximo possível para aproveitar o Minhocão. Espero que a gente possa. E é isso. Desculpem o meu nervosismo.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Tem a palavra o Sr. Leandro. Não está. Então vamos para o próximo, Sr. Antonio Pedro Porto dos Santos. Na fala do Antonio Pedro já temos uma hora da nossa audiência e vamos encerrar as inscrições. Há mais ou menos umas cinco ou seis pessoas para falar e o pessoal da Escola de Gestão Ambiental está devendo as inscrições ainda, portanto, se inscrevam porque vou cobrar no final a inscrição dos alunos da escola.

Com a palavra.

O SR. ANTONIO PEDRO PORTO DOS SANTOS – Boa tarde, obrigado por terem vindo e obrigado pela oportunidade de falar aqui, acho isso importante. Eu utilizo o Parque Minhocão há 27 anos praticamente. E antigamente era bem triste porque eram poucas pessoas que se arriscavam a sair de suas casas no domingo, o dia principal em que tínhamos o acesso e tinha dois, três amigos que chutavam bola comigo lá no Parque Minhocão.

Hoje sou ciclista e o Parque Minhocão tornou-se além de um trajeto um espaço de lazer, um espaço que dá para sentar, relaxar, ficar tranquilo e pensando como ciclista, refleti sobre uma questão. O Parque Minhocão como estrutura viária é absolutamente inútil, porque se pegarmos as diretrizes de mobilidade urbana do mundo, a preferência tem que estar com o pedestre. Em segundo lugar com o ciclista, patins, patinete, qualquer tipo de transporte ativo. Depois dos modais ativos vêm os modais de transporte coletivo. Depois dos modais de transporte coletivo vêm os modais de transporte de carga, porque a Cidade tem que ser abastecida e só depois é que vêm os modais individuais como o carro e a moto.

O que a gente vê durante a semana é que ele é exclusivamente usado por carros e motos. Não tem espaço para pedestres, ciclistas, ônibus ou caminhão de carga. (Palmas)

Então, quando a gente fala que é viável fechar o Minhocão, na verdade, estamos dizendo que é viável abrir para nós o utilizarmos da forma mais útil possível, ou seja, com a nossa presença ocupando o parque, seja como caminho para bicicletas e pedestres, como um espaço de lazer.

Isso é extremamente possível porque, se olharem embaixo do Minhocão, verão que lá há uma linha de metro que vai para a zona Leste, ou seja, não é preciso ir de carro por cima do Minhocão. Tem um corredor de ônibus fantástico que facilita muito a vida de quem vem para o centro de ônibus.

A questão da segurança é muito engraçada porque há muitos anos tinha uma passarela que, em minha opinião, é mal feita e tenho medo de andar na passarela, no Minhocão eu nunca tive medo. Lá no final do Minhocão, na travessa Matarazzo, tem um gradil

muito baixo. Eu gostaria que fosse feito aquele gradil. Antigamente, era usado para os ladrões assaltarem, porque as pessoas não tinham para onde correr e eram encurraladas naquela passarela. Aquele gradil é realmente baixo, mas nem por isso a passarela tem que ser fechada. Pelo contrário. Temos que ter por onde passar, transitar. São desculpas que estão utilizando.

Para encerrar, um amigo meu que não conseguiu vir, que mora na Consolação e frequenta o Minhocão, Jorge Queiroz, que é documentarista, pediu para eu perguntar: qual foi o alerta de bomba que as pessoas fizeram para atacar no Minhocão para eles fazerem esse toque de recolher? Porque isso que eles estão tentando fazer é impor um toque de recolher, querendo por medo numa população que está sendo feliz.

Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Jose Police Neto) – Quero agradecer ao Antônio Pedro que nos traz uma informação importante, os 27 anos de bom convívio, mas muito mais do que isso é essa leitura objetiva do que é a mobilidade, que estabelece uma hierarquia, a qual parte do uso mais eficiente, eficaz e efetivo, portanto, começa com o deslocamento a pé, passa pelo ciclista, que ganha um tempo no seu deslocamento; percorre o transporte coletivo; depois, passar pelo abastecimento, portanto, carga para que as pessoas possam ter produtos à sua disposição e, depois, quando chega no transporte individual. Ele lembra muito bem que o Minhocão sempre que está utilizado pelo motor é o motor de última escala no uso modal.

Quero, então, agradecer a leitura precisa do Antônio Pedro. Obrigado.

O SR. GUTE SIMON – Boa tarde, gente. Eu sou Gute. Sou morador da Consolação. Sou um assíduo frequentador do Minhocão.

É no minhocão que trago os meus amigos que não são de São Paulo, justamente, para mostrar essa maravilha que a gente vê. As pessoas tomaram posse. Quase que raquearam a lógica da Cidade. Então, pegaram um espaço que não estava sendo utilizado, estava totalmente ocioso, e começaram a usar com suas famílias, para o lazer e para o

convívio.

Então, sou muito fã, usuário, gosto muito do Minhocão e também sou uma das pessoas que ajudaram a fundar a rede Minha Sampa, uma rede de mobilização e alerta pela cidade de São Paulo. Já vamos fazer três anos. Começamos o nosso trabalho com uma mobilização muito grande, chamando toda a sociedade para participar. O que resultou na abertura da Paulista. A gente foi um dos protagonistas, junto com outros movimentos, conseguiu fazer o que parecia impossível que era ocupar a avenida mais importante e mais simbólica da cidade para criar um novo espaço de lazer, nessa cidade tão carente disso e, principalmente, de espaços de encontros, onde a gente convive e pode olhar um no olho do outro.

Então, fizemos isso há três anos.

É muito engraçado analisar que quando temos um ganho, uma conquista, achamos que a linha do tempo é assim, que só vai sendo conquistas e mais conquistas, mas quando a gente olha para o presente, percebemos que essa linha é meio tortuosa e que temos as conquistas, os avanços, mas, também, tem um ganho, uma conquista. Você acha que a linha do tempo é assim, ela vai só sendo conquistas, conquistas e, quando olhamos para o presente, percebemos que ela é meio tortuosa. Têm as conquistas, têm os avanços, mas também o retrocesso está sempre ali na cola, querendo nos segurar. Por isso que ficamos tão espantados ao vermos essa notícia, nessa altura do campeonato, dizendo que o Minhocão teria os seus horários restritos. Somos totalmente contrários a isso. Acreditamos que isso seja um contrassenso.

Então, iremos, sim, nos mobilizar e não vamos deixar com que esse outro lado que, um pouco, é movido pelo medo... É uma resposta às nossas conquistas, a esse nosso grito de que a Cidade pertence às pessoas. Acho que esse medo, que esse outro lado está provocando, vem dessas pessoas que sempre acharam que a Cidade vinha com o propósito do seu próprio lucro. Não. A Cidade está aqui e a proposta é a serviço de quem vive nela.

Então, estamos contra a restrição dos horários do Minhocão e a favor de um debate mais amplo, onde todas as pessoas participem dessa construção, como está sendo feito, hoje, aqui, de forma maravilhosa. Esperamos que todas as pessoas participem dessa construção do que queremos e qual será o futuro desse Elevado. É isso.

Vamos que vamos.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Agradeço ao Gute. Gute definiu: é o Elevado da vida. Pronto. Não tem de falar mais nada.

Agradeço ao Gute e peço autorização para usar o termo “vamos raquear o Minhocão”. Agradeço, também, àqueles que cantam e encantam a Santa Cecília. Agradeço aos Filhos da Santa.

Pietro Sargenteli.

O SR. PIETRO SARGENTELI – É muito importante dizer o seguinte: sou morador aqui. Moro em frente ao Minhocão há seis anos e, obviamente, venho observando todos os progressos e alguns pequenos egressos, no que diz respeito aos moradores de rua.

Enfim, o que eu preciso dizer é o seguinte: impedir as pessoas de usarem esse espaço é um abuso, é uma falta de respeito com as pessoas. O espaço é nosso. Ele foi tomado, ou ocupado - vamos usar a palavra ocupado – por livre e espontânea vontade e não vamos parar de usar, não vamos sair de lá. É importante que usemos passos, com uma política, para ganharmos espaço e marcarmos posição. Mas a posição nossa é de cidadã. Sinto-me um cidadão. A partir de Felipe Morosini, meu chapa, moramos ali, de frente um para o outro... Queremos fazer muito por esta Cidade, por esse espaço, que é onde me sinto cidadão. Então, não vamos permitir. Isso é um abuso, é uma falta de respeito com os moradores.

Eu apoio o Parque Minhocão e não vamos recuar. Não pode piorar a situação. Não pode diminuir tempo. Tem de haver segurança. Precisamos do apoio dos políticos e dos cidadãos. Sejam cidadãos.

Obrigado. (Palmas)

REUNIÃO: 16796 DATA: 02/04/2017 FL: 30 DE 55

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Vamos voltar a mais duas de 30 segundos.

Raquel Coutinho de Souza. (Pausa) Está aí a Raquel? (Pausa) Então, venha para cá.

A SRA. RAQUEL COUTINHO DE SOUZA – Boa tarde. Sou moradora recente, mas queria só expressar que a experiência que eu tenho, vendo de minha janela todo mundo ocupando todos os dias, é incrível. E eu sou a favor do Parque, sou a favor da extensão do horário. Acho que tem de fechar para os carros às oito e aos sábados também, se possível, estender o horário. Mas eu acho que se temos, aí, um Prefeito que é gestor, ele deve saber que gestão se faz em uma organização e organização é feita por pessoas. Então, ele tem de ouvir as pessoas e ele tem de nos ouvir. E se somos a favor, é isso aí. Vamos lutar. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Abel Coutinho, 20 h. João Roberto da Roda está aí? Vem para cá.

Tem a palavra o Sr. João Roberto da Roda.

O SR. JOÃO ROBERTO DA RODA – Eu tenho certeza que, neste momento, o Sr. Prefeito João Doria tem que ouvir a nossa voz, porque o Parque Minhocão é um patrimônio público e esse patrimônio público tem que ser considerado. É tudo nosso. S.Exa. não pode fazer o que quer - claro que S.Exa. acha melhor - porque o Parque Minhocão é nosso. É um lugar público, é um lugar onde todos nós nos divertimos. Tanto nós quanto os nossos filhos podemos estar ali nos divertindo. Não é possível que o Poder Público possa impedir de nós estarmos ali, fazendo aquilo que nós gostamos. Não há poder que possa contra nós. Nós somos o poder. O poder está nas nossas mãos. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Tem a palavra o Sr. Ricardo G. Monteiro(?).

O SR. RICARDO G. MONTEIRA(?) – Boa tarde a todos. Eu estou aqui como professor de biologia, educador. Depois que começaram a fazer essas novas ciclovias,

começando a de *bike*, um transporte bem mais sustentável, como muitos falaram aqui, eu sou a favor da abertura mais cedo também do Parque do Minhocão.

Hoje ao vir para cá vi um monte de pessoas se divertindo, com seus animais de estimação e, nos corredores, estavam mais cedo também, praticando suas atividades físicas. Não podemos, de forma alguma, aceitar retrocessos. Temos que ocupar a Cidade, ocupar um espaço que é nosso, ocupar a rua por direito e não aceitar que ela seja aberta somente para carros. Temos que compartilhar o espaço e ocupar o Parque do Minhocão, que é um espaço tão bom para todos. Eu moro na Pompéia e venho sempre quando são fechadas as noites, para andar de bicicleta. É uma via segura, uma via boa para quem pedala, para quem pratica esporte, para poder desfrutar desse momento.

Quanto aos argumentos do Conseg, falar que faz barulho, atrapalha, de maneira alguma eu vi, à noite, o pessoal fazendo barulho, somente usufruindo. Havia bandinha lá, mas tocando em tom baixo, não incomodando ninguém. Falar que vão derrubar é pura especulação imobiliária, para tirar um direito da população.

Como o nosso querido Fernando Haddad falou, a Cidade é nossa, e temos que torná-la mais humana, mais compreensível e com menos intolerância, para ocupar os espaços que são nossos mesmo.

Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Tem a palavra o Sr. Rani(?) Guerra.

O SR. RANI(?) GUERRA – Oi gente. Boa tarde. A gente acabou de fazer um espetáculo hoje à tarde, “O Minhoca na Cabeça”. O restante do elenco está ali à direita. Aí ficou mais claro, mais nítido ainda uma das coisas que mais incomoda, quando se fala em Minhocão e quando se fala desse espaço público. Começa a afetar as pessoas, começa a dar um medinho, de haver tanta gente na rua trocando ideias, tanta gente na rua pensando diferente, de um jeito que a galera quer que a gente pense, que é sempre opressora, massacrada, dentro de uma caixa. É muito bacana ver as pessoas abandonando ali o conforto

de um sofá, de uma Netflix, aquela troca de informação, para ir para a rua, pensar junto.

Então o querido conselho saiu pela culatra, porque agora não é mais só nove e meia. A gente vai reduzir para oito. Olhem que engraçado. A gente nem tinha tocado muito nesse assunto. A gente só queria andar, viver livre ali e trocas nossas ideias e ver as pessoas. Vocês chamaram atenção. Que bom, porque agora a gente não vai parar. Todo mundo aqui tem essa função. Comuniquem e chamem mais pessoas. Multipliquem, sejam multiplicadores e vamos fazer nós o nosso próprio levante. Não vamos ficar esperando o conselho atacar, para a gente ser só um reagente. É hora de a gente pautar o que a gente precisa, e a gente precisa desse pensamento na rua. É na rua que a gente se faz diferente, com o outro que é mais experiente.

Viva o Minhocão. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Muito obrigado. O Esparrama(?) decidiu: Parque Minhocão 20 horas já.

Tem a palavra a Sra. Caroline Souza de Andrade.

A SRA. CAROLINE SOUZA DE ANDRADE – Boa tarde. Eu sou moradora aqui da Santa Cecília. Também sou estudante de Geografia. Eu queria dizer que ocupar as ruas, ocupar as praças já é, em si, um movimento político, seja consciente ou não. Quando você sai à rua e ocupa o seu espaço, você está mostrando para as autoridades como você quer usar a Cidade, como você quer que seja garantido o seu direito de usar a rua, de ter nela segurança também. Eu montei um texto pequeno, de algumas falas de gente que estuda o assunto, que pensa nas crianças como um lugar seguro para elas desenvolverem suas capacidades culturais e lazer: Para todos os estudiosos da infância e do desenvolvimento infantil, a brincadeira é a experiência mais importante na vida de um homem e de uma mulher. Ao longo da vida, todo cimento sobre o qual se constrói nossa formação e nossa cultura foi adquirida nos primeiros anos de vida, brincando. A sociedade deve organizar-se em espaços públicos, tornando um lugar habitado, e qualquer criança possa sentar e brincar sem medo.

Compreendemos que a criança é parte fundamental da Cidade. Pensar nas infâncias, na educação e na construção de espaço de convivência e de diálogo pode ser um caminho para cidades mais inclusivas, educadoras e igualitárias. Ao mesmo tempo, vivemos um momento político grave, no qual ocorre um golpe coordenado por setores conservadores, que trazem uma concepção política que vai à contramão dessas questões. Pensar na possibilidade de uma Cidade educadora é abrir espaço para o novo, aquilo que emerge da organização e participação popular.

Temos, em nosso País, inúmeros coletivos e movimentos que estão trabalhando essas agendas com proposição distinta, que precisam coexistir, garantir políticas, estratégias que fundam uma nova cultura política. Quando pensamos no espaço público como um lugar de democracia, convivência e diversidade, o que tem acontecido, no Brasil, nos últimos meses, é o encurtamento do espaço público, e a grande estratégia do movimento contemporâneo é construir suas bandeiras coletivamente, a partir de culturas, diferentes identidades e criar estratégias de luta, para romper com essa cultura política, que está(?) pós(?) transformá-la. A única forma de pensar em políticas públicas hoje passa por pensar de maneira situada, trabalhar, fornecendo as capacidades locais e criando novos espaços e instâncias, que potencializam as riquezas daquele lugar, ou seja, trata-se de articular com o que existe. Uma cidade educadora é aquela que, para além de suas funções tradicionais, reconhece e promove e exerce um papel educador na vida do (inaudível) assumindo, como desafio permanente, a formação integral dos seus habitantes como coautores, que são agentes pedagógicos, capaz de apoiar o desenvolvimento de todo o potencial humano. A partir de políticas públicas e ações que estimulam o vínculo e o reconhecimento das populações com o território, uma cidade que educa deve assegurar a todos o acesso aos bens culturais produzidos em uma determinada localidade, que sejam aqueles consolidados por museus, centros culturais e equipamentos urbanos de cultura em geral, sejam nas narrativas estéticas, protagonizadas por diferentes grupos sociais. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Muito bem. Está aí mais uma boa forma de compreender o Minhocão, o Minhocão educador, aquele que, do encontro das pessoas, promove socialização de conhecimento, e assim a gente avança.

Tem a palavra a Sra. Paula Nunes.

A SRA. PAULA NUNES – Boa tarde. É um prazer falar com os senhores sobre essa questão tão urgente, que é a ocupação dos espaços públicos e a utilização deles não atrelada ao consumo. O Minhocão vem atender a uma demanda da região central, de um espaço para o lazer, um espaço para a promoção da saúde e para convivência. Isso está claro. Principalmente não está atrelado a ir ao *shopping* ou ao consumir, colocar a mão no bolso e gastar dinheiro. (Palmas)

Faz parte de um projeto de nação contrária a essa ideia de conviver, da cidade para as pessoas. O projeto que a gente defende, que a gente está aqui falando, que a gente está se levantando é da Cidade para a pessoa, que coincide num projeto de cidade, num projeto de nação, que vai de encontro a esse pensamento que está rolando agora, dessa onda conservadora, de que voltem para as suas casas e instalar(?) o medo das pessoas. Não, somos fortes. Vamos às ruas. Nós vamos mostrar que a Cidade é para a gente. Eu sou professora de Yoga de um projeto dos moradores da região, o *Street Yoga*, e está aí. É a prova vivia de que é um lugar que agrega, aonde as pessoas chegam e a gente convive. Ali a gente troca e exerce o nosso papel de cidadão, não só contribuindo com o PIB do País, mas convivendo. Somos pessoas trocando entre nós, de forma poética, de forma qualquer, que não seja consumindo. Isso é muito importante. Quero reiterar isso. Essa é a minha contribuição. Eu já fui moradora da Santa Cecília. Hoje eu moro na Pamplona. A Paulista está aberta diante de mim todos os domingos e eu posso ver a qualidade de vida, a praia do paulistano e está andando, está tomando sol, gerando endorfina. Está pensando e está fora da caixinha. Eu sou a favor do Minhocão às 20, e ocupar, e as melhorias vêm num segundo momento. A gente vai continuar nas ruas, convivendo, vivendo, olhando no olho. Alguém falou isso - eu achei bonito -

estando entre nós, aqui, humanos, não máquinas. A Cidade é para as pessoas de novo.

Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Paula Nunes trazendo o FIB, Felicidade Intensa Bruta.

Tem a palavra a Sra. Carol Marinho Martins, moradora de frente.

A SRA. CAROL MARINHO MARTINS – Oi, pessoal. Além de advogada, eu sou produtora cultural e também faço parte do conselho participativo. Sou moradora bem de frente ao Minhocão, e eu estou numa posição diferente da maioria das pessoas aqui, porque eu não sou usuária. Em oito anos que eu moro na frente, se eu subi três ou quatro vezes, foi muito. Não é pelo fato de eu não usar, de repente, ou morar longe ou nem estar aí que eu não vou defender o uso. Há muita gente que nunca nem subiu ali e que é contra. Eu acho isso um completo absurdo. (Palmas)

Eu sempre falo. Quando começam a falar alguns argumentos que usam para defender ou o desmonte ou o fechamento do Minhocão, eu acho completamente absurdo. O último deles foi: “Mas se você quer andar, vai para o Parque da Aclimação, vai para o Parque do Ibirapuera ou vai para a Água Branca”. Se me falassem que eu tinha que atravessar a Cidade para poder andar, não a ver. É a mesma coisa se falar para uma pessoa que mora perto da Roosevelt: “Não, você pode andar de patins lá”. Não faz sentido.

Em relação a barulho e esse tipo de coisa, eu moro bem na frente da alça de acesso da Marechal. Aí eu me lembro de que havia *food truck* e mandaram tirar, porque fazia barulho. Havia Carnaval e mandam tirar, porque havia barulho. Tudo faz barulho. Eu não entendo onde essas pessoas vivem. A gente vive em São Paulo. “Ah, mas de madrugada, há muita gente gritando”. Sim, gente, é óbvio que há gente gritando, mas, por exemplo, há muitos moradores de rua que ficam ali na Praça Marechal. Então, a gente vai fazer o quê? Vai fechar a praça? Há ônibus que faz barulho. Vão proibir o ônibus? Então, eu acho que até a minha decisão, de concorrer à vaga no conselho participativo, foi porque as coisas começaram a ser

decididas e eu falava: “Mas quem decide esse tipo de coisa?” A mesma coisa acontece com o Conseg, Conselho de Segurança, quando eu comecei a falar para as pessoas que haviam armado toda essa coisa política, usando o direito como se fosse a verdade absoluta. Eu comecei a conversar com as pessoas e falei: “Mas quem sugeriu?” Disseram: “O Conseg da Santa Cecília, junto com o Conseg da Consolação”. Pessoas perguntam: “Mas quem são as pessoas que fazem parte? O Conseg não me representa”. Só que a gente tem que começar então a fazer parte disso. Então, além de falar da audiência pública do parque, eu acho que fica mais um convite para aqueles que se interessam em discutir. Gente, são incrivelmente chatos esses conselhos. É igual a fazer parte de um condomínio. Para tirar uma síndica que roubada do condomínio, eu e outros moradores fizemos o quê? Reclamávamos e reclamávamos. Não adiantou e a gente foi lá, se candidatou e eu virei síndica do prédio. Então, foram os piores dois anos da minha vida. Então, é isso. Vai haver reunião. Hoje acaba aqui a audiência. Na terça-feira, já há uma reunião do Conseg. Se os senhores entrarem lá no grupo do Parque Minhocão, vai estar lá, e a gente tem que começar a ocupar. Então, para quem interessa, para quem quer, não é entrar na briga, é encher. Eu descobri que o meu papel, na política, é encher. Então, vamos.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Os senhores entenderam? Para problemas de depressão, mau humor ou qualquer coisa assim, Parque Minhocão, que resolve qualquer problema. Parque Minhocão é solução.

Tem a palavra o Sr. Igor Nascimento de Andrade.

O SR. IGOR NASCIMENTO DE ANDRADE – Boa tarde. Primeiro obrigado, por estar todo mundo aqui, lutando por um mesmo interesse. Eu fico me questionando toda vez que colocam um tipo de política proibicionista. Isso me lembra até aquela música, que questionando até se a grade do condomínio é para trazer proteção ou se é para formar uma prisão. Esse tipo de atitude que vem dos Consegs, quando veio do Ministério Público isso, me deixou chocado, porque é uma coisa natural o que acontece no Minhocão, que estão tentando,

de alguma forma, restringir, e eu fiquei me questionando sobre quais são as motivações para isso. Eu cheguei umas três talvez... Ou é interesse, preguiça ou medo. Pode ser interesse, de repente, porque a gente observa que há um pequeno grupo ali que já encontrou até vínculo com construtora. Enfim, vale a pena depois entrar nesse detalhe, para poder entender. Pode ser preguiça política também, preguiça de pensar talvez, pensar em mais segurança, como tornar o lugar seguro, como, de repente, colocar uma infraestrutura melhor para essas pessoas que estão lá ocupando ou até pensar como é resinificado esse espaço. Isso já aconteceu naturalmente. Então, isso pode ser um pouco de preguiça também. Por último, acho que isso pode ser medo, medo de alguma coisa que não conhecem ainda.

Eu acho que a gente não pode nunca deixar essas coisas acontecer. Acho que todas as falas aqui foram nesse sentido, e a gente não pode deixar esse espaço ser ocupado, que não seja pela gente .

Então a gente não pode aceitar tudo isso sem questionar, questionar qual a real motivação, quem está atrás disso; questionar porque esse esforço é tão forte pra fechar, mas não é tão forte pra regular, pra criar um comitê gestor, de fato, como a gente sempre quis. (Palmas) Por que ouvem um grupo tão pequeno, que chega a ter talvez uma dezena de pessoas, no máximo, não chega a duas dezenas, são pouquíssimas pessoas, são 18 pessoas, é ridículo. Por que não às milhares de pessoas que por lá passam, todos os dias, por que não as pessoas que estão interagindo no *Facebook*, na Internet, em todo lugar? Por quê?

O que eu vejo é vida, é interação humana, que não pode ser proibido, que tem de ser estimulado.

Obrigado!

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Muito bem. Obrigado, Igor.

Tem a palavra Eliana Barbosa, depois falará Isadora Arruda.

A SRA. ELIANA BARBOSA – Oi, sou acadêmica. Sou linha de frente do ativismo,

faço parte da Associação Parque do Minhocão, desde que ela nasceu.

Na verdade, Police, eu não preparei uma fala. Eu tenho perguntas. A gente entende que o Conselho de Segurança tem o seu papel, mas não tem papel deliberativo, ou seja, não decide. O que eu queria saber é a posição da Câmara. Há um cronograma pra efetivamente regulamentar o artigo do Plano Diretor que trata do Minhocão? Se Deus quiser para parque, mas lá há dois cenários. Queria saber se está na agenda e qual a interferência prática do Conseg e do Ministério Público para impedir a regulamentação.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Vou responder pra Eliana, antes de passar a palavra, porque talvez seja uma pergunta que todos se fazem: por qual caminho a gente vai?

A gente discute, mas eu pergunto: todos conhecem o texto do Plano Diretor?
(Pausa) Vou falar a vocês porque assim a informação fica mais objetiva.

O Plano Diretor da Cidade trouxe um artigo - e nele eu atuei bastante – pra que o Parque Minhocão fosse uma realidade. Então como é um Plano que dirige a cidade até 2020, 2030, mais precisamente até 2029, o que conseguimos escrever, cravar no Plano que dirige a cidade? Até o encerramento desse Plano alguma coisa sucederá o Elevado Costa e Silva.

Nós tínhamos então uma tarefa que era debater uma forma de desativação do uso exclusivo para o carro, do uso individual, em substituição do que a gente teve – desde o começo da década de 70 – que era apenas o uso do carro individual.

Sempre militei pelo Parque, nunca escondi de ninguém, mas nem todos militam. Então o Plano Diretor diz que tem de ter uma alternativa. O que fizemos, a partir de então, foi trabalhar numa desativação gradual. Então há um trabalho objetivo na desativação gradual. Qual foi o primeiro processo? Em 2015, a gente conseguiu transformar em Parque onde não tem carro. Por quê? E aí o Igor foi perfeito: a gente quer um Conselho Gestor para o Parque porque se reduz a pressão externa, e sim a pressão passa a ser interna.

Ninguém aqui está dizendo que não quer pressão no Parque, a gente quer, mas

quer a pressão legítima daqueles que querem estar no Conselho Gestor do Parque. O que não nos parece justo é o Parque sofrer pressão de outros que não o querem com bom uso. Aí o Igor foi preciso.

Então o que nós fizemos? Aprovamos em 2014 – e o Prefeito Haddad sancionou -, e a gente, no ano seguinte, conseguiu aprovar: quando não tem carro, é Parque. Agora estamos lutando para o fato ser Parque quando não tem carro, e tenha um Conselho Gestor. E o que hoje nós fazemos foi restringir um pouquinho mais. Ano passado, em 2016, a gente conseguiu uma restrição aos sábados. Não sei se todos lembram: o Parque só se instalava aos domingos, feriados e nos dias de semana, a partir das 21h30 até às 6:30h. Ano passado, expandimos o Parque a partir das 15h do sábado até às 06:30h da segunda-feira. O que nós trabalhamos hoje? Hoje é o projeto de lei nº 22, que foi apresentado num ritmo de paulatinamente irmos discutindo. Porque ninguém tem sabedoria absoluta, portanto, esse é um debate permanente: não tem carro, é Parque. Não tem carro no sábado a partir das 15h, é Parque a partir das 15h. Hoje discutimos ampliar um pouco mais: às 20h nos dias de semana, e aqui escutamos que, a partir das 20h, podemos ter crianças subindo durante a semana no Parque. Ganha em muito o Parque Minhocão.

Então o que estamos fazendo para regular o dispositivo do Plano Diretor é gradativamente dar aquele uso que nós compreendemos – e nós, quando eu falo, sou eu enquanto Vereador e vocês, enquanto sociedade – o melhor uso para aquele espaço. É isso que estamos fazendo, com todas as dificuldades.

Eu não posso esconder de vocês que, num certo momento, me causou estranheza o Ministério Público – e não é o Ministério Público como um todo nem a Promotoria como um todo - anunciar falta de segurança por conta do guarda-corpo ou de defesa de 1,10 m, que é igual ou maior do que 90% dos outros locais em que passam carro junto com pessoas. No Viaduto do Chá passa carro junto com pessoas, há um risco maior, há carros e há pessoas, nem por isso moveu-se uma ação para limitar a circulação de pessoas.

No nosso caso, no nosso Parque Minhocão caminha infelizmente, quando não tem carro, só as pessoas porque podia ter pessoas junto com os carros, mas não tem, não gera esse risco. Mas quando só tem pessoas, o risco é muito menor e não muito maior.

Então o esforço que estamos fazendo para a regulamentação gradativa da decisão definitiva é testar o uso. Qualquer decisão sem testar uso, a gente pode errar. Eu acho que o uso que o Minhocão tem tido nos permite notar o acerto que é o Minhocão aberto para as pessoas.

Todos que se manifestaram aqui – e não é que os contrários não tenham sido convidados – eu sou daqueles que faço esforço hercúleo para trazer vozes contrárias a minha, sempre, e sou até provocador. Quando você provoca, as pessoas vêm, de fato. E digo a vocês que estou tendo dificuldade para que as pessoas contrárias se expressem publicamente e republicanamente. Porque se expressar escondido, ir ao Conseg e impedir que o policiamento suba ao Minhocão pra acontecer violência no Minhocão, e depois dizer que vai fechar, desculpe, pessoal, eu acho que é covardia! Usar a violência gerada em cima do Minhocão porque o Conselho de Segurança não oferece auxílio para haver Segurança no Minhocão, aí é covardia com quem, muitas vezes, sofre violência em cima do Minhocão! (Palmas)

Se o Conselho é de Segurança, ele é de segurança também para o Minhocão. Portanto, não pode restringir subir ao Minhocão a segurança porque eu não quero as pessoas lá, porque você põe em risco as pessoas, portanto, se aproxima de uma ação criminosa.

Então pra gente ser muito objetivo, o que nós queremos, todos queremos o Minhocão com as pessoas e com a segurança que todas merecem. Ninguém do Parque Minhocão quer mais segurança do que outros, nem estamos pedindo isso, nunca vamos pedir, queremos segurança igual, mas também nem um centímetro menos porque se a gente resignifica o Minhocão pra cidade inteira, não é justo a gente ter menos do que todos os outros têm. Ou alguém aqui deixa de pagar imposto por que tem menos ou mais? Não!

Se somos todos iguais, há uma exigência a ser feita ao Conseg. E aí precisamos

conclamar todos a participarem das reuniões do Conseg porque para o Minhocão é importante ter segurança que tem em todo canto ou que falta em todo canto, portanto, que haja um equilíbrio, e aí não é mais nem menos. Porque hoje a segurança do Minhocão é feita pelas pessoas que vão lá pra cima, essa é que é a maior verdade e aí é injusto a gente continuar assim.

Hoje, a segurança do Minhocão que é a segurança da falta do coco na janela das pessoas, porque todo mundo fala que tem muita violência no Minhocão, mas nunca vi uma janela quebrada no Minhocão. Nunca vi. Nunca ninguém me ligou e falou: “Vereador, você é um louco. Você está defendendo reduzir o horário de circulação do carro e minha janela está quebrada toda semana, porque sobem delinquentes, marginais, para jogarem coco na minha janela.” Nunca recebi. Durante todo o período que milito pelo Parque Minhocão uma reclamação de que uma janela foi quebrada. Só falta quebrarem a partir de amanhã, porque a gente falou isso aqui. (Risos)

É verdade. Só falta quebrarem a partir de amanhã, porque a gente falou hoje aqui. Mas, até hoje, não, da mesma forma que ninguém caiu do Minhocão. Têm aqueles que quiseram cair do Minhocão e caíram. Encontraram a ioga, encontraram tanta coisa bacana que não caíram do Minhocão e nem se jogaram.

Então, isso é importante termos na nossa perspectiva. Por quê? Foi difícil a ocupação do Minhocão? Foi. E eu vou dizer porque foi difícil. Porque a gente não encontrou outros espaços. Ao encontrar o Minhocão, foi um esparrama de felicidade. É verdade. A gente encontrou o Minhocão e a gente não quer sair de lá. Falo isso porque frequento a feira debaixo do Minhocão, uma das primeiras feiras noturnas que São Paulo teve e para mim aquilo era uma das coisas que mais me enchiam de felicidade. Adoro pastel. Mas, por que só tem de se comer pastel na hora do almoço? A feira do Minhocão permitia a você jantar pastel, coisa que a gente nunca soube, não é? Jantar pastel, não. Você só pode comer pastel com garapa próximo da hora do almoço. Então, são coisas que só São Paulo, ou melhor, só o Minhocão nos dá.

Mas, vamos continuar. (Palmas)

Francisco Oliveira, venha aqui. Depois é o Wellington. O Wellington é o aluno da escola? Está aí? Boa. Sim, acabou de pedir um último aqui, está inscrito, Pedro.

O SR. FRANCISCO OLIVEIRA – Oi, gente, boa tarde. Meu nome é Francisco Vinícius, eu moro aqui no Centro há 17 anos, sou da Rede Sustentabilidade. Moro aqui há 17 anos em Campos Elíseos e nunca encontrei uma alma aqui que fosse contra o Parque Minhocão. Eu gostaria muito que o pessoal viesse aqui para a gente debater e para a gente entender por que ser contra o Parque Minhocão. As colaborações aqui foram muito boas hoje.

Mas, eu queria trazer alguns pontos que ninguém falou. Primeiro, muita gente trabalha de dia e o Minhocão é o único espaço que esses atletas têm para se exercitarem. Gente que corre a São Silvestre, lutador, skatista, ciclista. Então, vão à noite ali porque trabalham de dia.

Outra coisa, referência histórica. Se a gente destruir o Minhocão, a gente vai perder a referência histórica. O Maluf veio, cometeu um erro e construiu o Minhocão. Agora, vamos transformar o erro dele em acerto, gente. Vamos voltar a ter orgulho do Centro de São Paulo, porque a gente tem muita rotatividade. Muita gente vem aqui e acaba vivendo um ano, dois anos e sai, porque é muito barulho, é muita loucura, nem todo mundo aguenta o ritmo aqui do Centro de São Paulo. Mas, a gente que aguenta, vamos ter um parque aqui e vamos ter orgulho de novo do Centro. Bom, era só isso que eu queria falar, gente. Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Muito bom, agradecer e pedir desculpa para a Isadora Arruda, era a fala dela e eu errei ao chamar, mas agora é você, Isadora.

A SRA. ISADORA ARRUDA – Boa noite, o meu nome é Isadora, eu sou estudante de Arquitetura e Urbanismo, morei em São Vicente por 15 anos e estou em São Paulo há um.

Eu, inicialmente, era contra manter a estrutura do Minhocão. Sim, porque é aquela coisa, o estudante está dentro da faculdade e fica pensando: “Ah, mas não tem mais utilidade”,

“Ah, a São João embaixo leva para os mesmos lugares”. Não sou ciclista, não faço atividade física, mas amo. A primeira vez que eu fui lá, eu falei: “Agora eu estou entendendo porque as pessoas defendem tanto esse espaço”.

Mas, além da questão do urbanismo, o que eu penso é o seguinte: uma coisa que eu acho que ninguém falou aqui, uma máxima constitucional é: o poder emana do povo. Se a gente quer o Minhocão lá, ele tem que ficar, porque nós estamos clamando, as pessoas estão sedentas de espaço público para poder utilizar. Eu acho um saco ir para a academia, mas eu corro no Minhocão numa boa, entendeu? E nem que eu não queira correr, nem que eu queira sentar lá e conversar com os meus amigos. Eu tenho direito de usar um espaço público para isso.

As políticas públicas têm que aprender a ouvir a população. Eu não consigo falar que o Sr. Doria é um gestor. O Sr. Doria é um empresário, e está vendo a Cidade como um plano perfeito de seu empresariado. A partir da hora em que uma pessoa como S.Exa. disse que, existem empresas amigas da Cidade, como uma Cyrela da vida, chega a ser uma piada. É uma empresa que obviamente se pudesse, passava o trator em tudo e construía tudo de novo para lucrar. Dizer que há planos melhores para um espaço como esse ou que é inseguro, porque, como foi dito, um guarda corpo tem um metro e dez, sendo que a norma da ABNT diz que noventa centímetros é o mínimo adequado, chega a ser ridículo. Eu acho que as pessoas não podem deixar fechar os espaços públicos que a gente usa, como, por exemplo, a própria Roosevelt, onde a gente está aqui agora, que também tem esse plano estúpido e ridículo para favorecer, sei lá, oito prédios, porque os moradores se incomodam. Hoje a gente está aqui, todo mundo está, aproveitando, e como aproveitam. Eu acho que deviam abrir até mais cedo o Minhocão. Há pessoas que poderiam estar utilizando até mais cedo, mas sim vamos fazer abrir às oito horas. Eu prefiro pegar o Minhocão para ir para São João, quando eu vou embora, porque eu moro na Freguesia a ir para o baixo ou por um outro caminho. Para mim é melhor, é mais seguro. Por mais que digam que o Minhocão é seguro, eu já cansei de ir quase

cambalhotando até lá, e nunca aconteceu nada comigo. Entendeu? Não é um guarda corpo de um metro e dez que vai fazer uma pessoa mudar de ideia ou não, se ela quiser cometer uma ação contra si mesma. Não é isso o que vai mudar. Não é barrando as políticas de segurança, como foi dito, para gerar violência, que vão fechar o Minhocão. As pessoas precisam. São Paulo está há muito tempo precisando de espaços para as pessoas viverem e conviverem. Eu sinto que as pessoas estão carentes umas das outras, e o Minhocão é o espaço onde a gente se encontra. Eu acho o máximo passar lá. Eu acho o máximo estar lá. Por que as pessoas *glamourizam* a Paulista aberta ao domingo e acham um absurdo o Minhocão funcionar? E qual é o problema das pessoas fazerem barulho? As pessoas falam, andam e conversam. É o que foi dito. Não é o Minhocão não funcionar que vai parar o barulho, porque passam ônibus ali a madrugada inteira. Entendeu? O espaço tem que ser nosso, e as pessoas têm que colocar na cabeça o que eu já disse antes. O poder emana do povo. É a gente que decide. A gente tem que se mobilizar mais e ser um pouco menos apático dentro de uma Cidade que a paga tão caro para viver. O que a gente tem de retorno? Quando a gente quer uma coisa que é tão simples, que é o que foi dito também, de sair para não gastar dinheiro, sair para viver, sair para fazer Yoga, sair para andar de bicicleta, por que a gente não pode fazer isso? Entendeu? Que sim, que abram o Minhocão às oito, que, por mim, abriria as seis. Não há utilidade viária nenhuma. Então, que abram cedo. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Agradeço a Isadora.

Tem a palavra o Sr. Wellington Labs(?), da Universidade de São Paulo.

O SR. WELLINGTON LABS – Boa tarde a todos. Eu sou estudante de gestão ambiental. É a primeira vez que eu venho a uma audiência pública. Acho eu falei em nome dos meus colegas, quando eu digo que é muito inspirador estar aqui, porque, em meio a tantos retrocessos que a gente vê, nesses dias, como jovem e como estudante, que, às vezes, perde a esperança, é bom ver tantas pessoas lutando por um direito, que é o uso do espaço público, que é um espaço das pessoas.

A gente esteve acompanhando, anotando e revendo os argumentos que cada uma das pessoas falou. Não faltaram argumentos que mostrassem que as pessoas querem é uma cidade saudável, e uma cidade saudável onde as pessoas têm segurança de sair às ruas, onde as pessoas gostam de estar na rua e não uma cidade cinza e uma cidade poluída.

Isso não é o que as pessoas querem. Espero muito que esse movimento prospere e que vocês se mantenham nessa luta que é boa para todos.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – E nós já vamos fazer o pedido enquanto Câmara, de que vocês continuem acompanhando todas as audiências que a Comissão de Política Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente realizar e que critiquem quando ela não tiver o espírito dessa. Fundamental isso, porque, muitas das vezes, as audiências são realizadas dentro da Câmara e não tem uma única manifestação em cima do projeto.

Tenho mais duas inscrições só, então vou pedir a vocês que, na fala do Pedro Niti, que quem quiser se manifestar, inscreva-se na fala dele, pois depois da fala dele, não aceitaremos mais inscrições, porque estamos nos encaminhando para o fim. Então é importante que quem ainda quer falar, inscreva-se na fala dele.

O SR. PEDRO – Boa noite, vou falar um pouco no improviso. Moro aqui em Santa Cecília, sou arquiteto, urbanista, só para pensarmos no que é uma cidade. Porque nós estudamos muito a cidade e ficamos nos questionando o que faz uma cidade ser boa e o que faz uma cidade ser ruim. Essa comparação é boa porque vemos que o Minhocão é uma semente, é uma possibilidade da Cidade se reverter e se tornar boa. Por quê? O que é uma cidade ruim? É uma cidade degradada, é uma cidade insegura, barulhenta, poluída. Isso tudo vemos em São Paulo. Falta de espaço, falta de liberdade, opressão.

E aí podemos pensar que o Minhocão representa o oposto disso, ou seja, uma cidade – vamos dizer assim – na última fala disseram: ‘saudável’. Então o que seria? Que tenha liberdade, que tenha encontro, que tenha criança, que tenha brincadeira, que tenha teatro, que tenha arte, que tenha ioga. Vocês podem perceber que até a fala fica mais fluida e

REUNIÃO: 16796 DATA: 02/04/2017 FL: 46 DE 55

fica mais viva quando falamos do que acontece no Minhocão.

Então temos de buscar a cidade da liberdade, a cidade da cor, a cidade da vida, a cidade da luz, a cidade da planta, a cidade da flor, a cidade da arte, a cidade do grafite, a cidade da pichação. O oposto da cidade que não desejamos. E por que não desejamos? Porque é a cidade que degenera, que degrada, que deprime, que faz um luta contra o outro, enfim, podemos pensar assim: a cidade desejável e a cidade que não desejamos, que é a cidade da morte. Enfim, acho que é legal essa comparação. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Muito bem. A cidade da vida! Encerradas as inscrições, durante essa fala tivemos mais quatro inscritos e é com eles que nós concluiremos, depois que o Atos fizer o uso da palavra. Então foram quatro inscritos, Atos a palavra está com você, lembrando que depois dele, vem a Eva, a Kelly, o Nicanor e a Ana Maria Franco. Atos, por favor.

O SR. ATOS – Boa noite, eu sou um pouco diferente dos outros porque não sou morador, nunca morei ao longo do Minhocão, mas, por alguma razão, eu adoro esse lugar e tenho, há muitos anos, acho que uma década, um sonho de que isso se torne, efetivamente, uma área de lazer, de esporte.

E, felizmente, o Vereador José Police Neto abraçou essa ideia. Acho que já faz uns 4 anos que estamos nessa tocada. O grupo, no começo, era pequeno, e agora o negócio pegou mesmo, ou seja, fico muito feliz que muita gente realmente, não só frequenta, mas também apoia publicamente o parque Minhocão. E acho que tenho de agradecer, paradoxalmente, esse pessoal que é contra, porque toda vez que esse pessoal inventa alguma coisa contra nós, o número de apoiadores explode.

Nós nos divertimos muito, por exemplo, porque queríamos fazer lá, o Police queria fazer no próprio Minhocão, criando monte de confusão, a gente ia fazer lá no Pergolado também, e desceram: “Não! Não pode! Não pode, não pode”. Mas aqui está cheio. Não importa. Esse pessoal é irrelevante. Eles só querem ganhar no tapetão. Não vão ganhar. Se

acham espertos. Não são. Acho importante valorizar a figura pública também de um vereador, porque as coisas funcionam na prática por meio da política, então se você tem alguém que conheça os membros da política, a gente não vai em frente.

Então é isso. Estamos bem tranquilos. Meu maior prazer é ir ao Minhocão e ver as pessoas felizes e tranquilas. É isso. Para mim é uma carga assim gloriosa. O meu pessoa do Vida junto, Felipe, Venâncio. Então têm varias pessoas que são – minha esposa está ai também, meu filho estava também. Então é isso. Agradeço a todos. Surgiu também a ideia de unir a Praça Roosevelt ao parque Minhocão, espero que um dia possamos ver uma passarela ligando, fisicamente... ininteligível. Acho que os arquitetos tem um projeto interessante a desenvolver, uma coisa assim, com a engenharia não é difícil, mas como estética é.

É isso. Muito obrigado!

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – O importante é seguinte. O Minhocão mostra hoje que ele trás, ele dá felicidade. O Minhocão não dá felicidade mesmo. Quem entusiasma, quem ai para cima, quem brinca, quem vê as pessoas, quem tem o bom encontro. Ele trás para a gente, mas ele é uma oportunidade, quando a gente convida outras pessoas para a gente dar essa felicidade para outros quando a gente convida a passeios no Minhocão. Difícil ter uma Maratona, uma corrida na região central que não se convide o atleta a passar em cima do Minhocão. Essa é uma boa referência. Se tem corrida no Centro, passa no Minhocão.

Mais que tudo, acredito que a abertura da janela para - Santa Catarina que veio aqui, falou que costumava a abrir a janela dela e ver o mar, agora ela abre a janela dela, não perdeu muito para o mar, porque ela ganhou o Minhocão. Então essas coisas vão nos dando a dimensão precisa do que o Pedro Nich nos trouxe, que é a cidade boa. Cidade boa é a cidade que a gente faz. Principio básico, a gente tem que fazer a cidade boa, e tem de fazer a cidade boa todos os dias. E tem gente que não reconhece a cidade boa. Ai gente tem de ser tolerante para ensinar para alguns como é fazer cidade boa. E fazer cidade boa, é fazer com gente. É fazer com gente, fazer com os nossos melhores companheiros. Assim faz cidade boa. Fazer

com a magrela, fazer com o nosso melhor amigo, fazer com os amigos que estão ao nosso lado, fazer com a família, com os filhos, com os avós, fazer com todo mundo ... (Pausa)

Parece que te chamei?

O SR. _____ - Boa noite vizinhos! Somos gringos. Somos Canadenses. Nós dois. Nós morávamos na Rua das Palmeiras, Santa Cecília, Marechal agora, ao lado de maior espaço verde fechado no Centro de São Paulo. Agora moramos no finalzinho da Frei Caneca. Usamos o Minhocão, três, quatro, até cinco vezes por semana. Andar de bike, passeio com cachorro, corro lá com eles, fazemos passeio embaixo do sol. Muito gostoso. Vim de Toronto. Uma cidade cheia de verde, de parque que não tem muro, não tem cerca. Sinto muita falta disso. Espaço aberto. Quando eu achei o Minhocão aqui. Quando a gente muda de apartamento? Era prioridade para gente ficar perto disso.

Porque espaço aberto não é importante somente para saúde, para lazer. São coisas importantes, são coisas individuais. Claramente que, para mim, é o único lugar que conheço onde posso ver a cara desta Cidade, ou seja, todo e qualquer tipo de pessoa nesta Cidade gigante estão lá do lado. Os espaços são fechados, a maioria, na nossa Cidade. Aqui é muito difícil para mim, mas posso conviver com todo e qualquer tipo de pessoa no Minhocão. Não acho outro lugar igual nesta Cidade e no País.

Quero parabenizar a criação do espaço para fazer esta discussão. É muito importante isso. Uma coisa que também tinha na minha cidade antiga, de Toronto, tem mais aqui: a gente pode inventar, criar e defender uma coisa. Mas o único jeito que a gente tem para defender esse tipo de coisa é coletivamente. Por isso que me comprometo a conversar com todos os vizinhos no meu prédio, rua por rua, porque a gente cria e defende esse tipo de coisas.

Chega de golpes contra as pessoas nesta Cidade e neste país, gente! Vamos organizar e defender o espaço público.

Obrigado.

REUNIÃO: 16796 DATA: 02/04/2017 FL: 49 DE 55

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Minha procura é estar perto do Minhocão. A prioridade é estar perto do Minhocão. Posso ver a cara das pessoas, não precisa de mais nada. Tem a palavra a Sra. Kelly.

A SRA. KELLY – Boa noite. Na verdade, resido no Ipiranga, mas sou Arquiteta e Urbanista e parto do princípio de que moro onde eu quiser dentro de São Paulo. Onde tiver espaço público, estou morando, porque eu quero me deslocar, quero estar, então eu vou morar no Minhocão, vou morar na Roosevelt, vou morar na Paulista. A gente tem de se apropriar desses espaços.

Tenho um projeto que está muito embrionário, chamado “criança também ocupa”, no qual trabalhamos com assistentes sociais e pedagogos para fazer com que as crianças também ocupem o espaço público. E nosso ponto de referência era o Minhocão.

É necessário que a gente leve as crianças para esses lugares, porque a gente está vivendo um momento muito esquisito em São Paulo, onde as pessoas não se tocam, onde as pessoas não se ouvem; e, se a gente não crescer na Cidade aprendendo a amá-la, a gente vai ter medo, a gente não vai se apropriar.

Então, quero deixar como mensagem uma fala de um arquiteto muito famoso na questão de urbanismo, chamado Jan Ghel, autor do livro *Cidade para pessoas*, no qual ele diz que: “Uma rua sem saída só é insegura porque existe o espiral onde nada acontece, porque nada acontece, porque nada acontece. E, a partir do momento em que uma rua sem saída tiver uma pessoa, duas pessoas, tudo acontece, porque tudo acontece, porque tudo acontece”. Ou seja, enquanto não houver gente lá, o Minhocão vai continuar sendo inseguro e causando medo. E enquanto a gente estiver aqui lutando por isso, a gente terá uma Cidade mais segura.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Agradecer a Kelly. Serviço de utilidade pública: terça-feira, às 20h, na rua Veridiana nº 55, dia 04 de abril, reunião do Conseg – Santa Cecília. Todos aqueles que puderem estar lá para defender o Parque Minhocão frente ao

Conseg, serviço de utilidade pública, todos que puderem ir, ajudam o Parque Minhocão.

Tem a palavra o Sr. Nicanor Jacinto. (Palmas)

O SR. NICANOR JACINTO – Modéstia à parte, eu também sou morador do Minhocão. Já participei de atividades culturais em defesa do Minhocão, no ano passado.

Em 1996, o Minhocão foi fechado pela Luíza Erundina e houve uma intensa... Nós chegamos a fazer, em 1996, no período do Maluf: “Maluf nos deixe dormir em paz.”, era o Zé Carlos, do Partido Anarquista que fazia o cartaz e a gente saía circulando pela Cidade, fazendo colagem e dizendo: “Maluf nos deixe dormir em paz.”.

Então eu fico pensando que nós precisamos entender a importância do ser humano, da existência das pessoas, da Humanidade, porque se nós pensamos somente nos negócios, no financeiro, nas construtoras, nós ignoramos o ser humano.

Infelizmente, o que vem acontecendo ali na região e aí é que está, eu imagino o porquê das reuniões do Conseg. Tudo bem, eu acho que tem de ter segurança, é importante, mas existe uma outra coisa a mais em cima disso, em cima das relações humanas.

Houve um ataque no Parque das Luzes e acabou com o Projeto de Braços Abertos, que o Haddad fez lá na Luz.

As pessoas humildes vivem dormindo nas ruas, é claro que o Doria quer tirar todo mundo das ruas e o Conseg faz esse papel. O que precisa? Nós precisamos ter uma relação humana melhor, aquelas pessoas estão nas ruas e podem ser recuperadas, porque estão nas ruas por um problema psicológico, financeiro, pelos mais diversos problemas.

Modéstia à parte, falo para vocês, que integro o Coletivo Poesia da Hora, que faz saraus nos albergues, integro atividades humanas e culturais na cidade de São Paulo e, modéstia à parte, nós vemos que há pessoas que são recuperadas, as pessoas podem ser recuperadas. Não podemos ver as pessoas do ponto de vista capitalista, temos de ver o ser humano do ponto de vista da humanidade. (Palmas) A gente tem de ser mais humano, mais solidário, recuperar, dar a mão e elevar o outro. Isso é importante.

Ou a gente continua fazendo uma política de relações humanas ou nós vamos simplesmente defender o capital, a higienização e isso não é bom para a cidade de São Paulo, não é bom para o ser humano. Temos de defender sempre a essência humana, o ser humano em primeiro plano.

Se as pessoas têm problemas de consumo de drogas, consumo de outros, não é batendo nem prendendo que vamos resolver os problemas, precisamos educar as pessoas, precisamos dialogar. Fazer palestras com psicólogos, a psiquiatria, assistente social, é outra forma. Seria desenvolver a ioga – como a jovem está dizendo – a cultura, o bem-estar social. Nós precisamos dialogar e quebrar os muros, os muros dos nossos amigos, o preconceito. Nós não podemos ter preconceito, a gente precisa aprender a dialogar, a conversar.

São Paulo é uma cidade onde as pessoas uma tem medo da outra, a gente tem que mostrar para as pessoas que não precisa disso, nós temos de ser mais humanos.

Então, em cima disso, acho importante a discussão do Minhocão, utilizar projetos em cima do Minhocão, projetos de cultura, aulas lá em cima e várias outras coisas.

Parabéns pela palestra, parabéns ao Vereador. Acho que é importante a gente fortalecer a relação humana na sociedade. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) - Muito bem Nicanor. Está aí, o Nicanor nos sugerindo seis quilômetros de intenso diálogo, que o Minhocão inteiro, seja o lado esquerdo, seja o lado direito, nos promova sempre muito diálogo.

Ana Maria Franco. É a última inscrita, ela vai encerrar as manifestações e encerra da melhor maneira do mundo. Obrigado, Ana Maria e Heitor.

A SRA. ANA MARIA – Desde a hora que cheguei não vi nenhuma mãe, então tenho que fazer meu papel aqui de mãe.

Moro em São Paulo há dois anos só, muito pouco tempo. Morava de frente para a Consolação, então de barulho entendemos muito bem. E mudando para mais perto do Minhocão, agora na Major Sertório, foi uma diferença incrível, mas não funciona à noite? Eu e

meu marido ficávamos... A gente consegue ouvir as pessoas conversando no Minhocão. A gente consegue deixar a porta da sacada aberta.

É ótimo porque nosso sono melhorou muito da Consolação para a Major Sertório, esse é um ponto. E outro, quando mudei para cá estava grávida ainda. Sou do Litoral de São Paulo, cresci brincando na rua e me culpava, meu Deus, vou levar meu filho para São Paulo, ele vai ter que brincar no apartamento, não vai ter tudo o que eu tive, não vai ter amigo de rua. As pessoas aqui não conversam. Então para onde vou levar meu filho?

E agora que mudamos para cá consigo levar meu filho no Minhocão, conseguimos andar, conversar com um monte de crianças que também estão lá. Ele interage, adora ver os cachorros no Minhocão, mexe com todos os cachorros do minhocão. A primeira peça de teatro que ele assistiu foi Esparrama, então para a gente foi sensacional, ele adora. Vamos praticamente todos os domingos que tem.

Então não deixem isso morrer. Precisamos muito disso. É ótimo. Eu aproveito, o meu filho aproveita, meus vizinhos aproveitam. A gente se sente incluído, porque vir para São Paulo é assim: quem eu sou aqui? Eu não sou ninguém. Ninguém me enxerga. Aonde vou? O que vou aproveitar da Cidade?

Meu primeiro ano aqui, senti que não aproveitei nada da Cidade, porque não vou pegar metrô para ir no parque tal. Não vou pegar fila para ir ao museu tal, a Paulista é muito cheia de gente no domingo. Então assim, no Minhocão a gente consegue, andamos tranquilamente, não é lotado como a Paulista. Conseguimos conversar, as pessoas estão mais receptivas para conversar com a gente.

Então comecei a aproveitar São Paulo quando descobri o Minhocão aberto. Quanto mais tempo puder ficar aberto melhor para nós e para todo mundo. Então, por favor, vamos lutar por isso sim.

Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Tem coisa que é boa que tem de

REUNIÃO: 16796 DATA: 02/04/2017 FL: 53 DE 55

acabar, então vamos encerrar a nossa audiência, mas preciso deixar nesse enredo final duas coisas que me parecem fundamentais.

Ana, você não errou de trazer seu filho para São Paulo, nem para o Minhocão. Você não o privou de vida, nem de vida com as pessoas, porque tem o Parque Minhocão. Então acertou e que muitas mães tragam as suas crianças para reescrever, redesenhar São Paulo.

E vou contar para vocês, quem escreveu a lei do Parque Minhocão foram crianças da região central que desenharam com a própria mão o que elas tinham de sonho, que passava na janela e não era carro. Era exatamente aquele burburinho de gente que você falou. Nossa, posso ficar com a sacada aberta que escuto gente falando lá.

Então esse é um elemento fundamental da gente fazer cidade. E você nos contando isso dá muita força, porque quando eu conto, quando pessoas que estão envolvidas, quando o David conta, fica parecendo que estamos defendendo o que queremos. Não estamos defendendo o que queremos. Estamos defendendo aquilo que acreditamos, que é muito diferente. Quando a gente acredita em coisas assim, a gente é muito mais forte. E a sua fala mostra muito desse acreditar.

Mas preciso lembrar que temos de ir, terça-feira, na reunião do Conseg, às 20h, na Rua Dona Veridiana, 55. Quem puder ir é importante. Ninguém lá é oposição da gente, mas eles não enxergaram o que já enxergamos. Então enxergamos coisas diferentes, aqueles lá ainda não enxergaram, mas vão enxergar porque vamos ajudar a abrirem os olhos.

Não terminamos aqui esse processo, a gente tem que votar, a gente já votou em primeira a redução do horário, então, isso é importante. Qual a finalidade dessa reunião? Nós queremos tomar uma decisão pública de ampliar o horário para as pessoas do parque Minhocão, portanto, as pessoas poderem acessar o parque minhocão de segunda a sexta a partir das 20h, de segunda a sexta a partir das 20h. Esse é o nosso desejo e a gente quer que isso aconteça até o fim desse semestre. Isso aqui faz parte desse dialogo. A gente quer até o

final do primeiro semestre desse ano que aprovemos a lei e que ele sancione a lei e nos permita acessar o parque Minhocão a partir das 20 horas todos os dias da semana. Esse é o intuito da Câmara estar envolvida nisso.

Mas, a batalha pelo parque Minhocão não se restringe só ao horário do funcionamento, nós temos uma batalha que essa é só dentro da Administração e é com ela que eu vou terminar. Nós precisamos convencer as autoridades executivas, nosso Secretário Municipal do Verde e Meio Ambiente, nosso Secretário de Esportes, nosso Secretário de Subprefeituras, que é o Vice-Prefeito, Bruno Covas, nosso Prefeito Regional da Sé e Prefeito regional da Lapa porque o parque do Minhocão, diferentemente de muitos outros parques, abrange duas prefeituras regionais. Ele começa aqui na Consolação e termina lá no Padre Péricles, no Largo do Parque Péricles, já é Lapa não é mais Sé, então, temos de convencer dois subprefeitos. O que a gente quer? Se é parque precisa de Conselho Gestor. Por quê? Porque parte do que a gente discutiu aqui, se tivesse o Conselho Gestor, parte das ameaças que são feitas por Consegs, se nós tivéssemos o Conselho Gestor, não existiriam porque esse debate seria feito dentro daquela representação legítima e democrática eleita para se roo Conselho Gestor do parque.

Então, tem um trabalho administrativo que tem de ser feito pela gestão Doria, que é constituir o Conselho Gestor e chamar a eleição. O que é isso? Constitui o parque enquanto organismo, porque já tem lei, e chama 30,40,60 dias a eleição do Conselho Gestor e que a sociedade pode se articular para ter os seus candidatos e a partir daí ter uma gestão democrática. Então, temos na terça-feira, uma reunião importante, que é a do Conseg. O trabalho que a gente começa hoje de pressão diuturna com o Secretário do Verde e Meio Ambiente, meu amigo, Vereador Gilberto Natalini, com o Secretário de Esportes, Secretário Jorge, do Prefeito Regional da Sé que é o Eduardo Odloak, do Prefeito Regional da Lapa, que é o Carlos Fernandes e esse envolvimento de vocês para que a gente tenha o Conselho Gestor.

Um trabalho que a gente vi fazer na Câmara até o fim do semestre que é aprovar os novos horários do parque Minhocão. Um apoio também importante que é o Secretário dos Transportes, que apoia o parque, Secretário Sergio Avelleda que é ciclista, apoiador do parque, apoiador das restrições de circulação do carro em cima do parque Minhocão porque é importante ter o apoio da CET e da Secretaria de Mobilidade e Transporte da Cidade por conta da restrição da circulação de carro e da abertura para as pessoas.

Preciso agradecer a presença de todos, todos tinham muitas dúvidas se em audiência pública fora da Câmara vinha gente e estão aqui os nossos funcionários da Câmara que nunca viram tanta gente numa audiência. Normalmente, a gente faz e não tem gente. Aqui a gente fez e veio bastante gente. Agradeço vocês que nos ajudaram e agradeço a cada um de vocês que vierem, participaram da audiência e agradecer aos que estão lá em cima nos prédios nos escutando, sabendo que o que a gente fez aqui é um regime democrático, republicano que importa para a Cidade. Via o parque Minhocão, a manifestação popular, viva o bom conagraçamento das pessoas e hoje aqui se deu na Roosevelt e quem sabe logo se dá às 20h lá em cima do parque Minhocão. Bom domingo a todos.